

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

DEFESA

Defender a saúde e a vida humanas não é cousa que muito ocupe e preocupe as gentes portuguesas. Se ás vezes pensamos egoisticamente na nossa própria vida e saúde—da vida e saúde de cada um de nós e apenas de cada um de nós—já a vida e saúde alheias nos merecem pouquíssima atenção. Um modesto exemplo destacado dos numerosíssimos que se poderiam oferecer todos os dias á quieta insensibilidade do publico lusiada—as nossas vastas e nem sempre ou quase nunca serenas praias atlânticas são desprovidas dos mais simples resguardos para os banhistas e nadadores, mais ou menos jovens. Nem uma corda, nem um barco, nem outras possibilidades de vigilância ou fiscalização eficaz. Mas há pior, sem duvida:—há a velocidade dos automóveis disparados, como se de corridas se tratasse, nos lugares onde é forçoso que passem ou passem crianças. Se acaso se dá um desastre, e esse desastre atinge pessoas de representação social, os protestos—alguns, não muitos, e não muito insistentes—surtem então. Ao que, porém, acontece aos pobrezinhos, a não ser que seja calamidade ou catastrophe aparatosa, quem se interessa? Raros espiritos de eleição, este ou aquele coração generoso, incapaz de ver sofrer sem sofrer também...

A partida do embaixador da Jugoslávia em Atenas não significa o corte de relações diplomáticas

ATENAS, 22.—A embaixada da Jugoslávia em Atenas entregou uma nota ao ministro dos Negocios Estrangeiros da Grécia protestando contra os estragos causados—propositadamente, segundo o texto da nota—pela explosão de bombas no navio jugoslavo «Alexandros». A nota reclama um inquérito para estabelecer, as responsabilidades pelo incidente. O embaixador jugoslavo na Grécia, Isidor Tchengar, foi recebido ontem pelo ministro interino dos Negocios Estrangeiros da Grécia, Stefan Stephanopoulos, pouco depois da entrega da nota, Tchengar declarou que fora chamado pelo Governo da Jugoslávia como protesto contra, os insultos da imprensa grega ao marechal Tito, primeiro ministro jugoslavo, a attitude adoptada pelo governador geral da Macedónia, Antas Dalipis, até Junho ultimo, e o incidente do «Alexandros». O Governo da Grécia respondeu que estava pronto a ordenar um inquérito sobre o caso do navio Alexandros. Quanto aos ataques da imprensa ao marechal Tito, o ministro dos Negocios Estrangeiros da Grécia observou que a imprensa do país era livre e que o Governo grego não podia ser chamado á responsabilidade por aquilo que os jornais publicam. Observou ainda que a imprensa jugoslava atacou o Governo grego. Disse que Dalipis, antigo governador geral da Macedónia, já tinha sido punido. O embaixador jugoslavo afirmou que o facto de ter sido chamado não constitui corte de relações diplomáticas e que a embaixada jugoslava será dirigida por um encarregado de Negocios. O ministro interino dos Estrangeiros, da Grécia, declarou que o seu Governo examinará o caso de conservar o embaixador grego em Belgrado.—(R.).

A obra benemerita das Colonias Balneares Infantis—entre as quais justo é apontar, pelo seu alcance e importância, a Colonia Balnear do «Seculo»—procura e consegue salvar muitíssimas crianças de irreversíveis doenças e debilidades de corpo e de

JOÃO DE BARROS

(Continua na 11.ª pag.)

A Jugoslávia violou

a Carta das Nações Unidas
— diz a nota americana

entregue ao Governo de Belgrado

WASHINGTON, 22.—Na nota entregue pelo Governo americano ao representante jugoslavo, diz-se: «O vosso Governo sabe muito bem que não foi acidente; que o avião de caça do vosso Governo, deliberadamente, disparou sobre um avião de passageiros do Governo americano».

Recapitulando os incidentes em que os aviões americanos foram atacados e respondendo, ponto por ponto, á mensagem recebida do Ministério dos Estrangeiros jugoslavo, em 20 de Agosto, a nota declara: «Esses actos ultrajantes foram perpetrados por um Governo que diz ser o de um país amigo. Sem olhar a se os aviões estavam dentro ou fora do corredor, se estavam desarmados ou se eram aviões de passageiros na sua viagem para Udina, na Itália. O seu voo não constitui uma ameaça á soberania da Jugoslávia. O emprego da força por parte da Jugoslávia, nessas circums-

tancias, não teve a mais leve justificação, segundo a lei internacional, e não subleite em face das relações entre dois países amigos e foi uma violação completa das obrigações impostas á Jugoslávia pela Carta das Nações Unidas de não empregar a força, a não ser em defesa própria. Em nenhuma altura o Governo jugoslavo advertiu o Governo americano de que, se qualquer dos seus aviões fosse, devido ás condições atmosféricas, obrigado a penetrar uma milha ou duas para além do corredor, ou se por causa de avarias mecánicas tivesse mesmo de sair desse corredor, o Governo jugoslavo alvejaria de morte os ocupantes do avião. O ataque a tiro, sem aviso, de um avião de passageiros desarmado de uma nação amiga é, no pensamento dos Estados Unidos, uma ofensa á lei das nações e aos princípios da humanidade».

Dean Acheson passou apenas três minutos com o encarregado de Negocios jugoslavos. Saiu das práticas habituais do Departamento de Estado ao entregar imediatamente a nota aos correspondentes, antes de o encarregado de Negocios ter tido tempo de a transmitir para o seu Governo.

O porta-voz do Departamento de Estado disse que as 48 horas começariam a partir da hora em que a nota fosse recebida pelo Governo jugoslavo, em Belgrado.—(Reuter).

Não se trata dum ultimato

LONDRES, 22.—A decisão do Governo americano de, caso não obtenha satisfação dentro de 48 horas, apresen-

(Continua na 12.ª pag.)

NA ENCRUZILHADA DAS GRANDES POTÊNCIAS

Se a Rússia obtiver

bases navais nos Estreitos

a Turquia será rapidamente reduzida

à condição de Estado vassalo

Em Tilsitt, Napoleão acenou com a posse de Constantinopla ao czar Alexandre I, fazendo dessa concessão a condição de um entendimento para a partilha da Europa. Decorridos mais de cem anos, Sazanov e sir George Buchanan regularam as condições em que deveria fazer-se a cedência da capital turca aos russos, depois da primeira guerra mundial. Em Londres, o rei Jorge V, em 1914, dissera terminantemente ao conde Bukendoff, embaixador da Rússia: «Constantinople must be yours». Em Moscovo, em 1939, as conversações de Ribbentrop com o presidente dos comissários do povo, Molotov, três semanas antes da segunda conflagração mundial, giraram á volta dos Estreitos. Os dirigentes

soviéticos, depositários das tradições e herdeiros das aspirações do Império, receberam promessas identicas ás que tinham sido feitas a Alexandre I e a Nicolau II. Em Novembro do ano seguinte, a questão voltou a ser discutida durante a visita de Molotov a Berlim. Ao explicar, em Junho de 1941, a agressão á U. R. S. S., o chanceler do Reich contou assim o que se passara durante essa visita: «A quarta pergunta que Molotov fez foi para saber se o Reich estava ou não disposto a reconhecer os direitos especiais que a Rússia tinha nos Estreitos. A U. R. S. S.—disse-nos ele—sente necessidade de ter passagem livre através dos Dardanelos e pede, para sua segurança, o direito de ocupar bases nessa região. Respondi-lhe que a Alemanha está sempre pronta a dar, em qualquer altura, a sua aprovação para se modificar a convenção de Montreux num sentido favorável ás potências marginais do Mar Negro, mas não aceitaria que a Rússia se apoderasse de quaisquer bases na região dos Estreitos».

As promessas de Tilsitt ficaram letra morta, em Erfurt. O compromisso da Grã-Bretanha, na primeira guerra mundial, não teve de ser satisfeito. A revolução russa afastou essa dificuldade. Os alemães negando, em Novembro de 1940, as promessas feitas em Agosto de 1939, tornaram inevitável o conflito germano-russo que estalou sete meses depois.

«Era essa a questão capital—escrevia mais tarde Grigore Gafencu, ao descrever o que então se passou em Berlim—que justificava a viagem de Molotov. Dela dependia o futuro das

Na zona russa da Alemanha

estão a produzir-se armas das mais modernas

LONDRES, 22.—O «Daily Telegraph» manifesta certa inquietação em face da noticia de que armas das mais modernas e consideráveis quantidades de material de guerra estão a ser produzidas em fábricas de munições da zona da Alemanha ocupada pelos russos. O jornal declara que tal actividade, se é que existe, constitui «uma violação flagrante do acordo de Potsdam».

O articulista continua: «As suas consequências serão pelo menos sinistras. Infelizmente, as informações são acompanhadas de pormenores circunstanciados que tornam impossível não as tomar em consideração como se fossem apenas boatos sem base. Contudo, é possível que sejam boatos e espere-mos mesmo que assim seja. Mas, até que se não prove definitivamente que são falsas as noticias, estas provocam suspeição e prejudicam ainda mais a situação internacional. Se Molotov quer convencer-nos de que essas noticias são falsas, não tem mais do que retirar a sua opposição á proposta para um inquérito em comum relativo ás zonas ocidentais e á zona russa».—(Reuter).

A Assembleia Geral da O. N. U.

será adiada para Janeiro
a pedido de Molotov?

(Especial para o «Diário de Lisboa»
pelo redactor diplomatico da Reu-
ter, Sylvain Mangeot).

PARIS, 22.—Nada menos de 250 emendas foram apresentadas pelos delegados da Conferência da Paz e pelos representantes dos antigos países inimigos aos cinco projectos de tratados de paz. Essas emendas vão de pequenas alterações até grandes acrescentamentos nos projectos submetidos pelos ministros dos Negocios Estran-

geiros das quatro grandes potências. Surgiram também propostas sobre pontos especificos como, por exemplo, a proposta do delegado austriaco para que se constitua na Europa um Tribunal dos Direitos Humanos. Nove comissões executivas, cuja missão é trabalhar através dos projectos dos tratados, artigo por artigo, têm diante de si 223 artigos distintos, além de 33 anexos aos trata-

(Continua na 12.ª pag.)

(Continua na 11.ª pag.)

Vem para a metrópole grande quantidade de feijão colonial para vender a menos de 4 escudos o litro

Segundo nos comunicam do Grémio dos Armazenistas de Mercaderia, este organismo contratou com a Junta de Exportação da Colónia de Angola a importação de 6 a 10 milhões de quilos de feijão de diversas qualidades.

Conta-se que esta mercaderia, que embarcará em breve, traga enormes vantagens para o abastecimento público de todo o País, visto que os seus preços acessórios não deixarão de impedir a especulação verificada ultimamente com os preços do feijão da metrópole.

São as seguintes, as tabelas já determinadas para a venda ao publico de Lisboa: 3545, 3560 e 3575, cada litro, respectivamente para as qualidades vermelho, branco miúdo e seleccionado.

Apreensão de toucinho

EVORA, 22.—A Polícia apreendeu uma porção de toucinho, que seguia num carro para a Torre de Coocheiros, vendido, segundo se apurou, ao preço de 26500 cada quilo a quatro mercadores daquela freguesia, por um industrial salicheiro desta cidade. Os mercadores declararam que tentavam vender o toucinho aos seus fregueses, ao preço de 28500. Foram todos enviados ao tribunal.

MENOR ATINGIDO

por uma carga de chumbo

ENTRE-OS-RIOS, 22.—Durante um torneio organizado pelo Sport Club de Penafiel na freguesia de Galegos, o chefe de estradas, sr. Eurico Seabra, ao pretender matar um pombo, atingiu involuntariamente, com um tiro, o menor José Pereira Lopes, filho de Joaquim Rodrigues Lopes e de Carolina Pereira da Silva. O ferido depois de ter recebido tratamento no hospital da cidade de Penafiel, regressou a casa de seus pais, sendo o seu estado satisfatório.

PARA OS NOSSOS POBRES

Passando hoje o 6.º aniversário da morte do menino Frederico Sales Pereira Marques, seu avô enviou-nos, para os pobres do «Diário de Lisboa», 50 escudos, que muito agradecemos.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	1.000\$	1.000\$	1.001\$
Consolidado 3 T. 10	1.024\$	1.023\$	1.025\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	—	—	1.082\$
Consolidado 3 3/4 T. 10	—	1.008\$	1.012\$
Centenários 4 % ...	2.605\$	2.604\$	2.606\$
Externas 1.ª série ...	—	1.995\$	2.005\$
Externas 1.ª carimbadas	—	1.740\$	1.750\$
Externas 3.ª série ...	2.005\$	2.000\$	2.010\$
Caut. da 3.ª série s/juro	—	305\$	—
Ações			
Esp. St.º e C.ª L.ª port.	—	2.990\$	—
Lisboa e Açores port.	—	1.025\$	—
Ultramarino cp. T. p	984\$	983\$	986\$
Mundial ...	1.510\$	1.500\$	1.520\$
Sagres ...	—	1.900\$	1.910\$
Agua Lisboa port.	180\$	178\$	180\$
Agua Lisboa 1934 T. p	182\$	181\$	184\$
Agua Lisboa 1936 T. p	—	182\$	—
Cimentos Tejo ...	—	600\$	—
Cimentos Leiria T. p...	535\$	533\$	538\$
Crédito Predial port...	25\$	24\$	25\$
Gás e Electricidade cp.	314\$	314\$	315\$
Alto Alentejo cupão ...	590\$	590\$	591\$
Industrial Aliança ...	—	386\$	390\$
Portugal e Colónias ...	273\$	273\$	273\$
Nac. de Navegação T. p.	1.238\$	1.237\$	1.239\$
Colonial de Navegação	1.575\$	1.560\$	1.590\$
Portuguesa de Pesca T. p.	915\$	912\$	918\$
Portuguesa Tabacos cp.	554\$	554\$	557\$
Tabacos Portugal cupão	—	609\$	612\$
Casseque ...	1.195\$	1.193\$	1.200\$
Agrícola das Neves ...	925\$	921\$	928\$
Agricultura Colonial ...	622\$	620\$	625\$
Açúcar de Angola ...	2.740\$	2.726\$	2.750\$
Buzi ...	227\$	227\$	228\$
Ilha do Príncipe ...	—	825\$	—
Zambézia T. de 25 ...	147\$	146\$	147\$
Obrigações			
Agua de Lisboa 5 %	—	530\$	—
Norte de Portugal 5 %	—	111\$	113\$
C. P. 6 % ...	121\$	120\$	122\$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	125\$	—
União Eléctrica 4 1/2 %	—	103\$	104\$

VICTOR GONÇALVES, L.ª
CAMBISTAS

Moeda estrangeira, ouro, papeis de crédito.
R. do Ouro, 152—Tel. 26558—Teleg. Torgon

Michel

à frente do maior e melhor conjunto de atracções **FERNANDO CAMALHO** na direcção da melhor Orquestra portuguesa

SEVILHA

O PARAÍSO DE LISBOA—PARQUE MAYER

QUEM DANÇA ?

HOJE — Fox a prémio
AMANHA — Swing a prémio.
SABADO — Tango a prémio.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

ABUSO DE CONFIANÇA—Queixou-se á P. S. P. Maria Fernanda Nogueira Santos, Rua de São Ciro, 40, 1.º Dt.º contra uma mulher, que indicou, a quem acusa de ter ido a casa de uma sua hospedeira, na Rua Manuel Fernandes, n.º 26, r/c. Dt.º, e ter pedido, em seu nome, vários objectos no valor de 1.600\$00.

ESTABELECIMENTO ASSALTADO—Queixou-se á P. S. P. Adelino de Matos Pereira de que os gatuos durante a noite se introduziram pela claraboia no seu estabelecimento de mercaderias e vinhos, no Largo do Figueiredo, n.º 13, donde furtaram alguns maços de tabaco, açúcar e miudezas, tudo no valor de 2.000\$00.

DESASTRES

EXPLOSAO DE GASOLINA—José Francisco da Silva, de 45 anos, maquinista, que trabalhava e pernoitava no aeroporto, foi vítima de uma explosão de gasolina num motor, a cuja limpeza procedia. Recebeu queimaduras várias pelo corpo, de que foi tratado no hospital de S. José, onde ficou internado.

CRANÇA SINISTRADA—O menor Alexandrino Pereira Pinto, de 2 anos, Rua do Vale Formoso de Cima, 45, ficou entalado numa prensa de enfiar. Recebeu contusões várias, pelo que foi internado na sala de observações do hospital de S. José.

FESTA DE BENEFICENCIA

A secção de beneficencia do Sport Lisboa e Amoreiras promove no sábado, no recinto da Associação Escolar de S. Mamede, uma festa, intitulada «Noite Azul», com baile até de madrugada e com várias atracções.

CAMPISMO

Está aberta a inscrição para um Acampamento Campista do Sado, promovido pela Associação de Campismo de Setúbal, para os dias 24 e 25 do corrente, na península de Troia, de frente de Setúbal. O programa inclui várias provas desportivas.

VIDA MUNDANA

DIPLOMATAS

Por via aerea chegou a Lisboa o sr. Varar Zilic primeiro secretário da embaixada da Jugoslavia em Londres.

—Chegou hoje, por via aerea, vindo de Washington, acompanhado por sua esposa, o sr. Edward Crocker, conselheiro da embaixada dos Estados Unidos no nosso país. No mesmo aparelho viajavam 43 passageiros com destino a Portugal, Espanha, Itália e Egipto.

—Numa fortaleza voadora do Governo americano, seguiu hoje para Paris o sr. dr. Herman Baruch, embaixador dos Estados Unidos em Lisboa.

—No avião da Iberia seguiu hoje para Madrid o comandante Melchor Ordóñez Matell, adido naval junto da embaixada de Espanha em Lisboa.

—Em gozo de férias, partiu esta manhã para Londres, acompanhado de sua esposa, o sr. Frederic Wise, adjunto do adido da Imprensa na embaixada britânica em Lisboa.

LORD MUNSTER

Regressou hoje a Londres, no avião da B. O. A. C., lord Munster, subsecretário parlamentar da Grã-Bretanha para o Estado da Índia e Birmânia, que há dias chegara a Portugal em gozo de férias. No mesmo avião seguiu também o major John Coke, secretário da rainha-mãe de Inglaterra.

VIAJANTES

No avião da carreira, vindo de Londres, chegou a Lisboa o «air-commodor» Griffin Powell, antigo comandante-chefe da base britânica das Bermudas.

CARREIRAS AÉREAS

No avião da A. P. A. seguiram para Paris os srs. dr. Paulo de Sampaio, presidente da Panair do Brasil, e Jackson Kelly, director distrital da Pan-American na Europa.

—Por avião, chegaram a Lisboa, 28 quilos de correio proveniente da nossa colonia de Angola.

—Num avião que hoje passou pelo nosso aeroporto, a caminho do Líbano e do Egipto, seguiam diversas remessas de moedas de ouro, vindas dos Estados Unidos, com cerca de mil libras de peso.

—Com destino ao rei da Arabia Saudita, um avião que passou hoje por Lisboa transportava um pacote de vitaminas, com o peso de dois quilos.

OLIMPIA CLUB

O DANCING
SEMPRE
EM FESTA !

UM GRANDIOSO ESPECTÁCULO
COM AS MAIS ENCANTADORAS
ATRAÇÕES
INTERNACIONAIS

AS NOTES
DA ALEGRIA E
ANIMAÇÃO !

E a Orquestra OLIMPIA dirigida pelo maestro ALAGARIM



Aviso «Pedro Nunes»

PORTO, 22—Vindo dos portos de Africa entrou ontem, ao fim da tarde, em Leixões, o aviso da marinha de guerra «Pedro Nunes».

Esta manhã, o sr. comandante João Cais de Carvalho foi apresentar cumprimentos ás autoridades civis e militares. Hoje, ás 21 e 30, o comandante daquele barco e a respectiva oficialidade serão recebidos festivamente no Club de Leça, oferecendo-lhes a sua direcção um copo de água, a que se seguirá um baile.

O «Pedro Nunes», que fez uma viagem de 5 meses, deve largar para Lisboa na próxima segunda-feira.

Novo comandante dos Voluntários

Os Bombeiros Voluntários Portugueses, reunidos em assembleia geral da corporação, elegeram, por aclamação, seu 1.º comandante o tenente-coronel Mário Robiziani Ramirez, actual comandante do regimento de Cavalaria 6.

A mesma assembleia reconduziu no lugar de 2.º comandante o sr. António Dias Martins.

Vítima do tetano

Faleceu no hospital, onde tinha dado entrada no passado dia 11, António Gomes de Oliveira, de 17 anos, solteiro, corticeiro, de Santa Maria, Gaia.

Foi vitimado pelo tetano.

Atropelamentos

Na Rua do Bonfim, foi atropelada por um automovel uma criança que aparenta cerca de oito anos e que deu entrada no hospital, sem fala.

—Cerca das 15 horas, deu entrada no hospital com vários ferimentos, vinda de Lourosa, vila da Feira, Maria das Cavadas, de 75 anos, doméstica, de Souto Redondo, daquele concelho, que foi atropelada por um automovel.

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL ÀS 6 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: As depressões da frente polar deslocaram-se no seu conjunto para Leste, encontrando-se uma delas a N. das Ilhas Britânicas e a outra a evoluir para a S da Groenlandia. Junto do arquipélago dos Açores localiza-se uma pequena depressão secundária. Na Península está formada uma depressão térmica. Temperaturas: Londres, 12º; Paris, 11º; Madrid, 17º; Lisboa (Monsanto), 16º.

PRINCIPAIS FENOMENOS OBSERVADOS: Chuva nas Ilhas Britânicas. Nevoeiros na França e em muito coberto nos Açores.

EVOLUÇÃO PREVISTA: A depressão térmica da Península deve manter-se, e as depressões da frente polar continuam a evoluir em latitudes muito elevadas. A depressão secundária dos Açores deve deslocar-se para Leste, sem contudo influenciar ainda o tempo no nosso País. Por consequência:

TEMPO PROVAVEL AMANHÃ EM PORTUGAL: Continuação do céu geralmente pouco coberto. Bruma local. Vento dos quadrantes de N. fraco a moderado. Pequena subida de temperatura.

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, ás 15 e 30, segundo os registos do Observatorio D. Luis: máxima, 27º,3; mínima, 15º,9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 27º,2; mínima, 16º,6.

Homenagem á memoria do patrão Joaquim Lopes

Paço de Arcos prestou hoje homenagem á memoria do velho lobo do mar, patrão Joaquim Lopes, com missa e romagem ao seu monumento, na avenida que tem o seu nome.

A missa, que foi rezada pelo prior da freguesia, assistiram representantes do Instituto de Socorros a Náufragos, marítimos, pessoal do salva-vidas e da respectiva estação, filhos de pescadores, etc.

Depois da cerimonia religiosa, todas as pessoas presentes foram depor flores no monumento ao patrão Lopes, cuja base ficou juncada de lindos ramos. Assistiu ao desfile muita gente de Paço de Arcos que se associou assim á piedosa romagem.

O PORTO DE LUTO

Dr. Afonso José Lucas

Para o cemitério de Benfica realizou-se hoje, com grande acompanhamento, o funeral do sr. dr. Afonso José Lucas, juiz-conselheiro do Tribunal de Contas. Entre muitas outras pessoas incorporaram-se no funeral os srs. drs. Aguedo de Oliveira, Joaquim Saldanha, Campos Melo, António Sergio, Manso Preto, António Séves, Chaves de Almeida, Alberto Xavier, Garcia da Fonseca e conselheiro Vieira da Rocha; generais Peixoto e Cunha, Casimiro Teles e Almeida Arez, brigadeiro Silveira e Castro, coroneis, Fano Viana e Lopes Galvão, tenente-coronel Neves da Fontoura, Armando Boaventura, eng.º Branco Cabral, José Rego, José Frois, etc.

Carlos Basilio de Oliveira

Com 65 anos faleceu hoje na sua residência, Rua de José Estevão, 131, 2.º, o conhecido dirigente desportivo sr. Carlos Basilio de Oliveira, socio fundador n.º 10 do Sporting e, durante muitos anos, presidente do Congresso da Federação Portuguesa de Futebol e também da União Velocipédica Portuguesa. O extinto, que era muito estimado nos meios desportivos, deixava viúva a sr. D. Beatriz Pinto de Oliveira e era pai dos também conhecidos desportistas Fernando Basilio de Oliveira e José Carlos Basilio de Oliveira, este actualmente, na Volta a Portugal em bicicleta como cronometrista da prova. O funeral realiza-se amanhã, ás 15 horas, da morada acima para o cemitério do Alto de S. João.

A família enlutada apresentamos pesames.

Antonio Vieira Natividade

ALCOBAÇA, 22—Faleceu, nesta vila, onde desfrutava de justa e respeitosa simpatia, o sr. Antonio Vieira Natividade. Figura de relevo na terra, pelo nome que usa—de seu pai, o velho arqueólogo e erudito investigador alcobacense, Vieira Natividade—e pelo seu próprio labor, ficam-se-lhe devendo, entre outras iniciativas, a valorização das indústrias de floricultura e fruticultura e a renovação da de cerâmica. Contava 53 anos, era irmão do eng. agrônomo sr. Joaquim Vieira Natividade, casado com a sr.ª D. Sara Ferreira Natividade e sogro dos srs. dr. Trindade Ferreira e eng. Almeida e Sousa, deixando cinco filhas.

Foi, como acima dizemos, o criador e impulsor da industria das faianças artísticas e dos viveiros das fruteiras de Alcobaca, era socio da Associação dos Arqueólogos e membro do Conselho Superior de Belas Artes e da direcção do Grupo dos Amigos de Alcobaca. O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 9 horas, e deve constituir uma grande manifestação de pesar.

A família enlutada, especialmente ao sr. eng. Joaquim Vieira Natividade, apresenta o «Diário de Lisboa» a expressão das suas respeitadas condolências.

D. Laura de Castro Videira

VALPAÇOS, 22.—Com 68 anos, faleceu, nesta vila, a sr.ª D. Laura de Castro Videira viúva do dr. Narciso José Videira e Melo, que foi notário desta comarca, mãe das sr.ªs D. Maria Eugénia de Castro Videira Coutinho, D. Adélia de Castro Videira Reis e D. Alice de Castro Videira, e dos srs. dr. Alfredo de Castro Videira, conservador do Registo Civil Predial em Mirandela; dr. Afonso Videira e Castro, médico nesta Vila, e dr. Augusto Videira e Castro, chefe de Secção Judicial em Coimbra; e sogra da sr.ª D. Maria Manuela de Castro Guimarães Videira e dos srs. Mário Gavaia da Cruz Coutinho e sr. Julio dos Reis.

COLEGIO INFANTE DE SAGRES

Reabre em Cutubro. Ensino liceal primario e nova secção pre-primária



Irresistible

«Baton» 10 tons—«Rouge» 5 tons
Pó de arroz 4 tons

O Baton IRRESISTIBLE, obtido por meio de um novo processo ainda conservado secreto, não seca, espalha-se uniformemente, enaltece a beleza natural dos lábios femininos e dá-lhes a suavidade do veludo.

Os produtos da marca IRRESISTIBLE figuram dignamente entre os melhores existentes no nosso mercado.

Distribuidos em Portugal por:
Importações Mundiais Limitada—Rua da Madalena, 80-B.

TEATROS E CINEMAS

EFEMÉRIDES

1913—Morre Leopoldo de Carvalho, figura de grande prestígio no nosso teatro. Começou como amador e estreou-se como actor no Príncipe Real, passando depois para o Trindade. Reconhecendo que lhe faltavam qualidades para representar, dedicou-se a ensaiador, entrando para o Ginásio, onde esteve durante trinta anos, exercendo o lugar com muita competência. Nasceu a 8 de Junho de 1844. Chamava-se Leopoldo Salustiano de Carvalho.

Faz amanhã anos: o actor Carlos Alves (Carlos Filipe Alves).

Atrás do reposteiro

Os actores-empresários Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, com sua filha, a actriz Mariana Rey Colaço Robles Monteiro, estão a passar as férias na sua casa da Marinha, em Cascais.

—Regressou a Lisboa, vindo de Melgaço, onde fez a sua habitual cura de águas, o empresário e nosso amigo sr. Ricardo Covões.

—As bailarinas irlandesas «May fairs Girls», que se encontram entre nós, partem brevemente a cumprir um contrato em Itália.

—Ingressa na companhia do Teatro Maria Vitória o bailarino Alexandre Rainha.

—O actor José Castelo, que continua a dirigir no Casino de Sintra toda a parte artística, foi convidado para locutor numa estação emissora na África Oriental.

—Ingressou numa das organizações da empresa Piero Bénardson a artista Helena Marques.

—A revista «Caixote de Surpresas», de Lena Jardim e Luis Mendes Leal, que tem sido representada com êxito no Atlético de Queluz, dará um espectáculo brevemente no Casino de Sintra.

—Enrico Braga, que em Paris contratou o Quarteto Boumier para o Casino da Figueira, teve o gesto elegante de o ceder ao agente artístico Dubini, que antes contratara aquele numero para a empresa Piero.

—Regressou a Lisboa o tenor Domingos Marques.

—O Coliseu passa a dar só, espectáculos á noite, com excepção de domingo, dia em que haverá também «matinée». Amanhã, estreia-se ali «O Último Moicano».

Cinema nacional

É possível que o actor Manuel Lereño vá ainda esta época a Espanha, tratar de assuntos referentes a cinema.

—No filme «Maluquinha de Arroios», estreiam-se, tomando parte em três intervenções, as discípulas Mabel de Meneses, Valentina Pires e Zita Wallenkamp.

—Está em estudo um novo filme histórico, intitulado «Lusiadas», passado na época dos descobrimentos marítimos.

Portugueses! Eis o vosso filme de aventuras: «O Último Moicano», que se estreia amanhã no Coliseu

Aonde vai amanhã? Não perca a grandiosa estreia de amanhã á noite, ás 21 horas e 30, no Coliseu, de uma obra prima imortal do cinema: «O Último Moicano», em 25 partes, o maior drama do novo mundo, electrizante de aventuras, estupenda odisséia heroica, de uma tribo que é massacrada até ao ultimo homem. Na tela revive o grande romance de Fenimore Coopers, espectacular e alucinante. Portugueses, eis o vosso filme! Preços populares.

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 20 e 30 e 22 e 45 «Sempre em pé».

APOLLO—A's 20,30 e 22,45—«As Lavadeiras».

CINEMAS

S. LUIS—«Quando Elas Querem».

TIVOLI—«Salomé».

TRINDADE—«A Mantilha da Beatriz».

POLITEAMA—«Amor, musica e sarilhos».

EDEN—«Ladrão, precisa-se!».

CAPITOLIO—«O Lago dos Sonhos».

LYS—«A Sr.ª Parkington».

OLIMPIA—«Os Bandidos da Cidade-Fantasma».

TERRASSE—«O Sinal da Cruz».

REX—«Maria Antonieta».

PROMOTORA—«Henrique IV».

CAMPOLIDE—«Um homem em fuga».

R. AMADORA—«A mão que não guia».

IBÉRIA FILMES, L.^{DA}

apresentará no dia 30 de Agosto no

GINASIO

o filme português dirigido por

BARBARA VIRGINIA

TRES DIAS SEM DEUS

(A bilheteira abrirá no dia 23 de Agosto)

Hoje, 71.^a apresentação DO MAIS ATRAENTE ESPECTACULO EM CENA A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A GRANDE APOTEOSE DA CIDADE

O CARTAZ DAS MULTIDÕES

O CARTAZ QUE ENTUSIASMA

O CARTAZ QUE NÃO CANSA

Ricos e pobres, velhos e novos, surrumbáticos ou folgazões, ali têm de tudo, para todos os gostos e para todas as bolsas

AS NOITES EM PALHAVÁ SÃO BEM «O SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO»



MODESTO MAIA

ESPLANADA MONUMENTAL

(Rua Carvalho Araújo)
Hoje sensacional programa de FADOS e GUI-TARRADAS, onde os eximios artistas Carvalhinho e Martinho d'Assunção (este a pedido) executarão SOLOS e VARIACÕES, apresentando em L.^a audição Variações sobre o Fandango

ILDA SILVA, ALICE DE OLIVEIRA, MARIA JOSÉ, JOSÉ PEREIRA, MODESTO MAIA e JAIME SILVA

SABADO: HUMBERTO MADEIRA

ENTRADA
3\$00
SOCORRO
SOCIAL
INCLUIDO



Quando Elas Querem

com Louise Alblitron e John Hall

«Matinéas» diárias



5.^a semana

Ladrão, precisa-se!

com Maria da Graça, Tatão, Virg. Teixeira, P. Navarro e Ant. Palma

«MATINÉAS» DIARIAS



GRANDE ÊXITO

do 1.^o filme português de

CAPA e ESPADA

A MANTILHA DE BEATRIZ

com António Vilar no protagonista

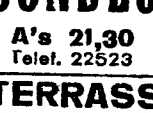
Todos os dias matinéas ás 16 h.



A Mascarada de Dimitrios

com

Zachary Scott, Faye Emerson, Peter Lorre e Sidney Greenstreet



O Sinal da Cruz

Tenorio à Força

tel. 20917 — A's 21 e 15



Salomé

A's 21,30

TELEF. 50593

«Matinéas» diárias

Super-produção colorida com YVONNE DE CARLO

Estreia notável

AMOR, MUSICA E SARILHOS

Alegre comédia-revista com Frank Sinatra, George Murphy e Gloria de Hevan



EPOCA DE VERÃO

O lago dos Sonhos

com Christina Soderbaum

Faustoff em Viena

com Paul Hörbiger



Maria Antonieta

NICK CARTER (Rei dos detectives)

tel. 2 9655

A's 21 e 15



A Sr.ª Parkington

Salve-se quem puder

tel. 4 8560

A's 21 e 15



O Mundo de amanhã

com Fredric March

A's 21 e 30

HOJE

2.^a noite de um grande êxito no cine-teatro ao ar livre



MICHEL

Pavilhão Português

NO PALCO, ás 21,30:

O espectáculo de «music-hall»

O MUNDO É LISBOA

com MICHEL

à frente de uma grande Companhia

NO ECRA, ás 22,30:

o estupendo filme

TERROR NA ÓPERA

Amanhã: Garras Amarelas

AVENIDA HOJE, 2 SESSÕES

Telef: 27273 20,30 e 22,45

UM GRANDIOSO ÊXITO

A colossal revista-«fearie»

Sempre em Pé

com Hermínia Silva, Alvaro Pereira, António Silva, Gema do Rio, Alberto Ribeiro, Carlos Baptista e o insigne artista João Villaret.

Numa realização de Piero

PASSEIO

À

BARRA

Com baile e variedades que se realizava hoje fica adiado para sábado, 31 do corrente.

Os poucos bilhetes que restam estão á venda nas bilheteiras da Parceria.

TEATRO APOLO

HOJE, ás 20,30 e 22,45

A alegre e popularíssima opereta

AS LAVADEIRAS

com LAURA ALVES, Costinha

e um valoroso conjunto

WONDER-BAR

do CASINO ESTORIL

Todos os dias desde ás 23,30

ANDRADE SANTOS e

ARNALDO SILVERIO

em dois planos

Às sábados é obrigatório o traje de noite

O «Diário de Lisboa» na ERICEIRA

vendo-se na casa José Gomes Salvador.

ARCADIA

Em pleno êxito!

FELI SUÁREZ

A EXTRAORDINÁRIA INTERPRETE DO BAILE CLÁSSICO ESPANHOL
Um grandioso PROGRAMA de atracções internacionais com
Luisa Royo, Aurora Vitoria, Hermanas Goyescas,
Estrellita Mora, Mery-Mely e Ballet Helios Girls
Musica constante pelas dinâmicas orquestras

ARCADIA

LARREA Y SUS GITANOS

com a voz maravilhosa de MARIO ROSSI

O Dancing n.º 1 da Capital



Carlos Ramos

Urca

PEIRA POPULAR

Ào lado da Favorita

HOJE: Apresentação do sentimental cantador

CARLOS RAMOS

considerado pelo público e critica o cantador número 1 que actualmente com AMALIA formam os maiores da nossa geração

No programa: FERNANDA BAPTISTA, uma nova que dia a dia se está impondo, e Aurora Sobral, Maria do Fátima, António Santos — Amanhã: AMALIA RODRIGUES — Marcam-se mesas, telef. 4 8565

Atenção: AMALIA RODRIGUES canta ás 11 h. e á 1 da manhã

VIDA Literária

O PRETO NO BRANCO

A simples verdade

—Como te chamas? — perguntei.
—Felismino — respondeu o garoto.
Raio de nome para um rapaz! — pensei eu ao lembrar-lhe duma velha parenta que tinha o mesmo nome — no feminino já se deixa ver. Que engraçado pequeno este! Teria os seus doze anos, espigado, com uns olhos soberbos e pretos, dotados dumas pestanas enormes que fariam inveja a uma mulher.
—Sabes ler já? — inquiri ainda com curiosidade.
Não sabia ainda muito bem e tinha muita pena. Mas o pai morrera e deixara-o ficar a ele, a duas irmãs mais pequenas e a mãe. Era preciso ganhar algum dinheiro e o sr. Policarpo, dono da Hospedaria, empregara-o ali pela comida e para fazer os recados aos hóspedes. Recebia as gorjetas. O Casimiro, barbeiro, à noite e a pedido dele, é que andava a ensinar-lhe as primeiras letras. Já soletrava nos jornais uma que outra palavra mais fácil. Mas não tinha tempo. Era todo o dia: Felismino isto, Felismino aquilo! Se ao menos ele pudesse ir à Escola! Com a vontade que tinha passava adiante dos outros...

E ria, mostrando os dentes acavalados.
—Vocemecê é que me podia levar para Lisboa — concluiu ele, aliciante.
—Querias ir?
—Se queres! Em Lisboa com certeza que aprendias, que ganhava a vida e podia mandar algum para os irmãos e para a mãe.

Preciso dizer que este dialogo se passava num quarto de hospedaria de provincia, numa vila, sede de comarca, em cujo tribunal havia um julgamento — um daqueles espectá-

culos judiciais que duram alguns dias e constituem o grande interesse da terra onde não há outros e no qual, para mais, não se pagam as entradas. Na audiência dos debates esgota-se a lotação, excede-se mesmo. Se é no verão, na sala pequena, asfixia-se. Cheira a eloquencia e a suor. A face augusta de Temis resplandece em gesso ao fundo do Pretório. Não sei se a deusa tem olfato. Se o tem deve sofrer muito.

Ora, durante esses dias, afeiçoou-me a Felismino. Simpático garoto! A miséria é útil, por vezes. Faz desabro-

RAMADA CURTO

(Continua na 9.ª pág.)

AS MEMÓRIAS DO ESCRITOR

«O MUNDO DE ONTEM»

de Stefan Zweig

Stefan Zweig como que nos envia do mundo das sombras a sua derradeira mensagem. Que belo livro este «O Mundo de Ontem, Memórias de um Europeu», onde o biógrafo, que era romancista não escolhe figuras, porque é a sua própria existencia, que ele oferece á afeição dos leitores! É um depoimento denso e desesperado, no qual o grande escritor põe a alma nua, com uma extraordinária veemência de sinceridade. No torvelinho das paginas desta obra perpassam figuras, acontecimentos, guerras, que Zweig, folha seca arrastada pelo vento, viveu e sofreu, defendendo, ansiosamente, os tesouros do seu espirito e da sua sensibilidade. No prefácio, tão palpitante de interesse, Zweig diz-nos: «Por três vezes, eles destruíram-me a casa e a vida, arrancaram-me a todo o passado e, com uma veemência dramática, atiraram comigo ao vacuo, a esse «não sei para onde», já tão meu conhecido». O suicídio do autor do «Amok», no Rio de Janeiro, explica o resto. Tradução de Manuel Rodrigues; edição da Livraria Civilização, do Porto.



Um soneto de Mayer Garção

Que há mais doce que ver á lampada amorosa,
quando um vago perfume os sentidos seduz,
numa boca a sorrir duas folhas de rosa,
e na curva dum seio uma onda de luz?

Que há mais triste que olhar, na brisa rumorosa,
um crepe que esvoaça, entre os braços da cruz,
e que nos vem dizer, numa lingua saudosa,
a agonia da morte a que tudo conduz?

Só é perfeito o amor quando o sublima o pranto;
a saudade é um sorriso em que revive um beijo;
há um goso na dor; chora-se de alegria.

E a vida é isto só: ou um soluço, ou um canto,
em que se vem delir sempre o mesmo desejo,
e que ao mundo vem dar sempre a mesma harmonia!

MAYER GARÇÃO.

LER E ESCREVER

1

«Canções de Amor», de José Manuel, um poeta que nasce para a vida, maravilhado com o que vê e sente. Na sua vocação brilha uma esperança.

2

Da coleção de arte Hifen, saiu o VI volume, este sobre o «Grupo do Leão», no qual se reproduzem trabalhos de Columbano, Malhoa, Girão, Vaz, Ramalho, Silva Porto, etc. Um documentado prefácio explica a actividade do famoso grupo.

3

Em Cadernos da «Seara Nova» publicou-se, de Joel Serrão, «O caracter social da revolução de 1383», estudo histórico escrupuloso e amplo.

4

De Gil Marçal: «Novos Rumos», possíveis bases para uma reforma definitiva do ensino secundário em Portugal, com prefácio do general Norton de Matos.

5

Um livro interessante para os que gostam de viajar, quanto mais não seja de imaginação, este de «Imagens de Bagdad», de Freya Stark, em tradução de José de Seabra.

6

II volume de «Confronto», antologia de escritores modernos, que insere textos de Tchekhov, Garcia Lorca, Miguel Torga, Louis Aragon, Bromfield, Casais Monteiro, etc. Coimbra Editora.

Um livro de novelas

«Onde a noite se acaba»

de Rodrigues Migueis

Apreciação de Casais Monteiro

«O homem, em nós, mata o escritor», declarou Rodrigues Migueis um dia, ao responder a um inquérito deste mesmo jornal. Esta afirmação, que ele repete e comenta na bellissima «carta-prefácio» deste seu livro, tornou-se, nos dez anos com respeito ao próprio Migueis, «demasiado verdadeira» para ele? Para nós, leitores, sem duvida.

Mas quem sabe se o seu quase total silencio não lhe deu bem mais a ele que a nós todos, que leramos «Páscoa Feliz», e não nos podiamos resignar á ideia de que o grande escritor ali em potencia tivesse abandonado o caminho para que o impeliam extraordinárias qualidades?

Eis, finalmente, quinze anos depois de «Páscoa Feliz», este novo livro. O perigo era grande, com as responsabilidades que lhe criara o primeiro. Certos nomes apagaram-se, após uma estreia prometedora; com Migueis nada disso sucedera; o seu nome continuava a pesar na balança — dir-se-ia sabermos, por oculta adivinhação, que o silencio não significava morte, mas que, como ele diz: «Se a literatura tinha sido sempre a minha preocupação do minante, a vida, o desejo de viver, de conviver e agir, de ser parte do todo, num mundo já transbordante de literatura, mas gemendo ainda ao peso de horrores desumanos — levaram em mim, por vezes, a melhora».

Tudo o que há de bom e de mau nesta recusa a profissionalizar-se dizem já muito do caracter da obra de Migueis — da que já realizou, e da que esperamos dele. Com efeito, se ser «demasiado humano» pode levar ao silencio, não é menos verdade que, num autentico escritor, isso significa também, quando o escritor vence — quer vença duma vez, quer por

(Continua na 9.ª pág.)

OS NOSSOS CONTOS

Raio de luz

por Pedro Moreira

Em certa aldeia sertaneja afastada da torrente impetuosa do progresso a vida corre tranquilla, quase sem incidentes que alterem o ritmo de longos seculos volvidos. Poucos são os ricos. Pobres e remediados resignam-se com subir ou descer a encosta conforme Deus é servido. Alguns deitam-se cedo e acordam quando os galos cantam, alegremente, a sua canção matinal.

A povoação é banhada por largo rio caudaloso e nos anos de chuvas abundantes os terrenos marginaes, beneficiados por sedimentos que os fertilizam, produzem cereais e legumes com fartura, vinhos e frutos saborosos de que todos compartilham.

Não vá alguém supor que a gente simples daquele burgo ignorado e obscuro vive e morre sem conhecer distracções porque, na verdade, se entrega com entusiasmo a festas típicas nas horas de ocio. Frequentemente os seus habitantes assistem nos lugares mais distantes das aldeias circunvizinhas a folguedos da sua predilecção, principalmente feiras e romarias, piqueniques, caçadas, pescarias, havendo outros que passeiam de barco, praticando o remo, e, ás vezes, fazem serenatas em noites de luar.

Em pleno Inverno, a mocidade improvisa bailes. No verão, por ocasião das colheitas, o povo diverte-se nas desfolhadas á porfia de encontrar a espiga-rei que habilita a dar abraços a torto e a direito nas cachopas casadoiras. Geralmente é daí que resulta a união de duas almas. Constituem-se as familias na escola da honestidade, lema que se transmite de pais para filhos sem haver separações nem divórcios. A mentira torpe, a calúnia, a depravação moral, não passam de escalacho do pinho que pouco ou nada medram entre a população. Só de longe em longe aparece um caso esporádico, mas quem enveredará por mau caminho, desatando as suas leis consuetudinárias, anda de boca em boca e sofre o castigo impiedoso da censura publica que o julga como ente desprezível.

Os filhos são educados livremente, com ternura, o que não exclui a energia indispensável para os corrigir de defeitos na formação do caracter, crescendo saudáveis e vigorosos, até se empregarem nos trabalhos agricolas com o espirito de sacrificio legado pelos seus antepassados. Aprendem a lavar a terra, a fazer as sementeiras, as colheitas, as vindimas, cumprindo fielmente os deveres do seu pesado labor, alheios a ódios mesquinhos e a paixões nefastas. Que estranha garidice se nota nos vestidos das raparigas a contrastar com os fatos escuros dos rapazes, ornados de alamares e de faixas á roda da cintura! E assim vivem, submetidos aos usos e costumes da tradição, isolados do mundo moderno.

Na era da bomba atómica haverá alguém que não tenha experimentado o prazer inefável que nos oferece o rádio, o cinema, o teatro?

—Tomaram muitos gosar os palhaços e os «robortos» lá de tempos a tempos. Quantos ve-

getam agarrados á rabiça do arado, quantos pastores vêem correr os dias e as noites na árdua tarefa de guardar o gado, distraídos a ouvir os lobos a uivar na serra coberta de nevel — Esse povo vive então isento de lutas motivadas por egoismos e ambições?

Eis o que me pergunta um jovem estudante com quem me entretenho a conversar ao serão.

—Na aldeia de que vos falo rareiam as desavenças, todos se dão como irmãos, unidos tanto nas manifestações de alegria como na mais sentida mágoa.

Com aquela curiosidade própria da juventude o Vasco, interessando-se cada vez mais pela narrativa, concebeu a ideia de que devia tratar-se duma terra privilegiada com dons naturais, mas não resistiu á tentação de acrescentar:

—Pois eu, quando satisfação um desejo, sinto logo vontade de formular outro e, por isso, reputo as aspirações dessa gente muito limitadas.

—Não é bem assim. Para eles a sua felicidade

PEDRO MOREIRA

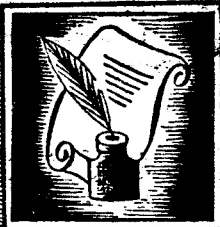
(Continua na 9.ª pág.)

O novo romance

de Alves Redol

Foi agora posto á venda o novo romance de Alves Redol, «Porto Manso», de que «Ver e Crer» nos dera, há dois meses, um curiosissimo resumo feito especialmente pelo autor. Em cada um dos seus numerosos, «Ver e Crer» publica um resumo, pelo próprio autor, de um livro a sair brevemente. No próximo numero inserirá «Minas de San Francisco», o próximo romance de Fernando Namora.

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por
João Pedro
de
Andrade

Eça de Queiroz — O romance da sua vida e da sua obra, por Gentil Marques
Eça de Queiroz esquizotímico, ppr Roderico Simplicio

I
Quando um escritor atinge, na vida social do país em que nasceu, uma significação que excede o âmbito estritamente literário da sua obra, é forçoso estudá-lo na sua própria vida, procurar as determinantes das suas atitudes, tentar a interpretação dos seus actos e a justificação das suas contradições reais ou aparentes, tendo sempre em vista o momento que o viu surgir e a época em que evoluiu.

E' o que acontece com Eça de Queiroz em Portugal. Na avalanche de estudos e de críticas a que o centenário do grande escritor deu lugar, nem sempre se tem observado, contudo, a objectividade que levaria a aceitar o escritor como ele é, com as suas qualidades e os seus defeitos, as suas claridades e sombras, para, sem abstrair das limitações a que o condenou a sociedade de que foi o cronista e o comentador, nos ser totalmente explicado o homem.

Em vez disso, assistimos, na maioria dos casos, a mal disfarçada volúpia com que críticos e biógrafos lhe denunciam as falhas, aos esforços com que os mesmos se alçam aos páramos da moralidade para de lá lhe fulminarem os plágios, ao sectarismo dos que o repuxam para o seu clan político, doutrinário ou estético e o agitam como bandeira ante o adversário, fazendo dele o arauto das doutrinas mais antagónicas, o revolucionário e o contra-revolucionário, o nacionalista e o des-nacionalizado, o moralista e o homem sem moral, o romântico e o realista, o escritor objectivo e o impenitente subjectivista que se retrata em cada personagem.

Não é, porém, focando parcialmente a obra ou o homem, pelo lado que interessa exaltar ou demolir, nem dizendo aquilo que ele não foi, quer por comparação com escritores de formação diferente, quer com lástimas por ele não ter pensado, agido e escrito de maneira totalmente diversa daquela como o fez, não é assim, dizia, que se dá ao simples leitor ávido de informação a imagem exacta de um escritor em quem, afinal, não escasseiam virtudes.

II

Gentil Marques, autor de várias histórias maravilhosas de figuras gradas da arte, da história e da ciência—que ele reúne, na longa lista das suas «obras principais», sob a epigrafe de *romances biográficos*—juntou aos seus biógrafos o primeiro nome português, *Eça de Queiroz—o romance da sua vida e da sua obra* (Edição Romano Torres), grosso volume de 450 páginas, tem a ambição de nos revelar o escritor e o homem através dos passos mais salientes da sua vida. Este intuito é, ao mesmo tempo, pretensioso e modesto. Pretensioso, porque a explicação de um grande escritor por meio da narração mais ou menos circunstanciada de aneddotas e acontecimentos, pressupõe um poder de penetração e de síntese que não é vulgar. Modesto, porque, aliando-se de longas e especiosas interpretações críticas, o autor se coloca na posição do divulgador, que busca trazer até ao publico a imagem quanto possível viva do criador de ficções, apenas conhecida, e muitas vezes mal, pela leitura dos seus livros.

Creio que foi esta ultima posição a que Gentil Marques conscientemente escolheu. Fazendo o romance da vida de Eça de Queiroz—mais do que o romance da sua obra—, o biógrafo quis principalmente explicar, aos menos versados sobre a figura do autor de *Os Maias*, quais as circunstâncias e o meio em que ele agiu.

Apesar da modestia, ou mesmo, da humildade do intento, Gentil Marques incorreu em grandes perigos que não soube inteiramente evitar. Talvez seja cedo para se proceder a um juízo sumário sobre a figura de Eça de Queiroz, mesmo encarada superficialmente (pondo de parte a discussão acerca da legitimidade desse superficialismo).

A divulgação corre sempre o risco de conduzir a uma adulteração, e tem tantas mais probabilidades de ser bem sucedida quanto se trata de um assunto que alcançou, junto dos especialistas, aceitação em termos de unanimidade.

Pretendendo contar a vida de Eça de Queiroz, o seu biógrafo começa, naturalmente, pela evocação das circunstâncias que rodearam o seu nascimento. O romance inicia-se, pois, como um autentico romance... folhetim. A uma tal concepção de biografia, a qualidade de filho ilegítimo de Eça de Queiroz—agora tão debatida, mesmo em obras de maior responsabilidade—não podia deixar de interessar. O primeiro capítulo põe-nos, pois, diante do berço do futuro escritor, com a mãe alanceada a seu lado, recordando as palavras em que o ainda hipotético esposo lhe recomenda, em carta já sabida de cor, o que terá a fazer com o filho para que a vida de ambos decorra sem cuidados. As reflexões desse pai, que daí a pouco se nos denara, acabrunhado de remorsos, os lances da entrega da criança, o baptizado que se lhe segue, os quadros da

primeira infancia, atestam uma fantasia que só peca por o não ser inteiramente. Com efeito, a verdade que se contém na narrativa repele o imaginoso cenário de melodrama em que Gentil Marques houve por bem enquadrar os factos que descreve. Tudo podia ter-se passado assim; mas, dada a impossibilidade de averiguar minucias de tal natureza, o tom a empregar, mesmo para um publico não iniciado—ou principalmente para esse—era o da concisão e da sobriedade. Mas, assim começado, o romance solicitava uma continuidade de tom que se não verifica. E' certo que a vida de Eça de Queiroz, desigual nos seus primeiros anos, se presta pouco a uma narração de estilo uniforme. Para bem se focar o filme dessa existência serena, mas singular, era preciso que no afilhado de Ana Joaquina, no adolescente do colégio da Lapa, no estudante de Coimbra tímido e vibrante, no jornalista de provincia, no advogado sem causas, no administrador de conselho apaixonado, no consul humanitário e neurasténico, e, finalmente, no escritor—*tout court*—, houvesse uma similitude de traços que esbatasse a penosa impressão de se tratar de personagens diferentes.

Cingindo-se unicamente aos sucessos exteriores, fazendo avultar exageradamente uns e entre eles para deixar outros na sombra, Gentil Marques dá a conhecer que andou afanosamente à procura de episódios e cenas, que mais lhe escasseavam quanto mais se embrenhava no romance e se aproximava da fase significativa e consciente da vida do escritor.

De facto, a ligar os diversos Eças de Queiroz que passam nas páginas deste livro, há apenas frágeis laços, escolhidos com pouca felicidade. Os terrores supersticiosos, o jeito do amador dramático, a timidez, o medo ante o sobrenatural, o temor das doenças, todo o anedotário duvidoso dos tempos de Coimbra, todas as fraquezas e pequenezas do homem comum, são elementos exaustivamente aproveitados, e os únicos que verdadeiramente identificam as diversas parcelas do Eça de Queiroz de Gentil Marques, formando uma visão apoucada e mesquinha. Os episódios de Coimbra, em que Eça de Queiroz foi elemento passivo, desde a evacuação da Sala dos Capelos até à «Questão Coimbra», são narrados com bons intuitos de divulgação, mas sem que se adiante grande coisa a compreensão da figura.

Dá isto em resultado que só quase a meio do livro se fala na primeira tentativa de Eça, sem que até aí se tenha entrevisto tal possibilidade. De resto, em todo o livro se alude muito sucintamente à actividade do escritor, e não há nele qualquer alusão às preferências literárias de Eça, às leituras que formaram o seu espirito, salvo uma rápida referência a *Madame Bovary*. Só a ultima centena de páginas nos mostra o período da maioridade do romancista, do *Crime do Padre Amaro* para cá. E' claro que, por sua vez, o afã de descrever em tão apertado espaço tão vasta e operosa actuação, prejudica a evocação do romance calmo que foram os ultimos anos de Eça. Se a infancia do escritor, que tão relativamente interessa a sua obra, foi narrado numa sucessão de minuciosos quadros, os anos gloriosos

são esboçados a correr. Os ultimos episódios literários, a preterição de *A Reliquia*, o choque com Camilo, a polémica com Bulhão Pato, a *Revista de Portugal*, são ainda contados com pressa de acabar. Mas nada se diz dos serões de Neuilly, do acolhimento cordial dispensado a todos os portugueses, da vida de familia, de tudo o que seria réplica serena dos primeiros anos infelizes, tão folhetinescamente narrados.

Gentil Marques fez, em estilo ameno e sem lucubrações de ordem critica, um livro cheio de boa vontade, que terá o mérito de levar ao conhecimento de alguns dos seus leitores episódios ignorados deles, mas, dentro da modestia simpática dos seus intuitos, poderia ter-lhe dado uma ordenação mais adequada. Querendo fazer o romance da vida e da obra do nosso maior romancista, prejudicou o duplo designio por não ter conseguido operar uma das fusões que se impunham: contar a vida através da obra—o que, de certo modo, já foi feito por Lopes de Oliveira—ou explicar a obra através da vida, o que exigia firmeza de tacto e de visão.

Qualquer dos processos, contudo, admitiria a transcrição das cenas evocadas pelo escritor no célebre artigo sobre Antero de Quental, ou por Batalha Reis na introdução das *Prósas Bárbaras*, o que evitaria a Gentil Marques o ingrato esforço de transpor, alterar e minudenciar os respectivos trechos. Tal como está, o livro é uma série de quadros em que, para falar do homem, se esquece o escritor, e se evoca o escritor em detrimento do homem.

III

Eça de Queiroz esquizotímico (edição do autor) é o titulo dum opusculo de 30 páginas, da autoria de Roderico Simplicio. A intenção do autor do opusculo está expressa neste período: «De tanto que se disse e escreveu ultimamente sobre Eça, apeteceu-nos fazer-lhe aqui o que, por mero dilettantismo psicológico, fazemos habitualmente a todo o exemplar humano colocado na nossa frente, ou seja, pegá-lhe nas abas do casaco e empurrá-lo, quantas vezes atabalhoadamente, para as fileiras do subtil psiquiatra alemão».

O «subtil psiquiatra alemão» é Kretschmer, autor do livro *La structure du corps et le caractère*, e criador duma escola de psicologia, a Caracterologia.

Não há, parece-me, grande mérito em classificar sem hesitação Eça de Queiroz como um esquizotímico, tão caracterizado é o seu tipo constitucional. A dificuldade está em prová-lo através da análise da sua obra, e pelo que se sabe dos seus actos e tendências.

No seu curto estudo, Roderico Simplicio empregou um método regressivo, qual o de procurar entre as manifestações convinentes de Eça e um pouco no seu «comportamento literário», aquelas que melhor correspondessem à apriorística convicção de que ele era um esquizotímico.

Kretschmer, no seu citado livro, conta a ironia, a timidez, a tendência para o isolamento, a falta de contacto com a realidade, o idealismo erótico, etc., entre as características do tem-

peramento esquizoide. Ora, sabendo toda a gente que Eça foi irónico, tímido, isolado, que teve sempre dificuldade na «apreensão do real» e «inaptidão para uma inclinação (amorosa) quente e natural» (!), nada mais radical do que classificá-lo de esquizotímico.

Tudo isto está certo, mas o contrário também o estaria, e é isso que invalida a tese de Roderico Simplicio, que aliás conscienciosamente classifica de «muito limitadas e muito desordenadas» as «notas caracterológicas» que reuniu sobre Eça de Queiroz. Na obra citada, Kretschmer dá-nos este quadro das generalidades dos temperamentos esquizoide: «Brutalidade cortante, insensibilidade desenhada (*maussade*), ironia, timidez de molusco, furtando-se imperceptivelmente—eis a superficie. Ou então a superficie é nula, e temos ante nós um individuo que se apresenta como um ponto de interrogação, sentimos qualquer coisa de insípido, de fastidioso, e todavia de problemático... Há esquizoide com os quais podemos conviver durante dez anos, sem osarmos afirmar que os conhecemos». Parece-me que, a ajuizar por estas «generalidades», estamos a cem léguas de Eça de Queiroz e da sua esquizotimia.

Subindo às formas caracterológicas superiores, Kretschmer diz ainda: «O tipo literário destes autores distingue-se pelo calor do sentimento sorridente e verdadeiro, comum aos realistas e aos humoristas, sempre afectuoso para com os homens. Mas a amplitude épica e desbordante falta-lhes. Em compensação, sabem escolher o essencial e condensar rigorosamente o assunto em alguns traços característicos». A quem se refere assim o «subtil psiquiatra»?

Aos esquizotímicos? Não; aos que estão no polo oposto: os ciclotímicos. No entanto, Zola é por ele (com o acordo de R. Simplicio) classificado de ciclotímico. E não se pode dizer que lhe falte «amplitude épica e desbordante»; nem em Vitor Hugo, em quem julgo também «fuzir o metal ciclotímico». «Calor de sentimento sorridente e verdadeiro», tinha-o o estilo de Eça, embora, pela «uniformidade de beleza», por vezes atinja a «frieza marmórea», como com justeza observa R. Simplicio. Amplitude épica e desbordante falta-lhe, porém, como a qualquer ciclotímico. Esqueçamos as *Singularidades duma rapariga louca*, o *José Matias*, o Pacheco e outros contos e tantas crónicas em que evoca personagens vivas, para podermos afirmar que «não soube escolher o essencial e condensar vigorosamente o assunto em alguns traços característicos». Mas, se o culto do estilo, comum aos escritores esquizotímicos, é uma das suas facetas dominantes, é bem notória a falta do sentimento do patético; que figura em alto grau entre os esquizoide.

Que significa tudo isto? Que Kretschmer errou? Que Roderico Simplicio está enganado? Simplesmente, que o seu opusculo não prova coisa alguma, pela escolha afanosa que fez, no autor alemão, de tudo o que poderia provar a sua tese... quando, com o mesmo autor e o mesmo livro, e com o mesmo processo de empurrar o paciente, poderia provar exactamente o contrário. O que não poderia era mudar a constituição morfológica de Eça de Queiroz, e assim, a «descoberta» de Roderico Simplicio deve condensar-se nesta afirmação: «Eça de Queiroz era esquizotímico porque era alto e magro».

Não acho que valha a pena analisar as observações de ordem literária do livrinho. Elas são tão «atabalhoadas» e «desorientadas» com a parte... científica.

Não quero, no entanto, terminar, sem chamar a atenção de Roderico Simplicio e do leitor que me lê para o artigo do dr. Abel Salazar *A personalidade objectiva de Eça de Queiroz e o carácter da sua obra*, publicado no n.º 16 da revista *Afinidades*. Ai o ilustre professor, escritor e artista prova que é possível, à luz das teorias de Kretschmer, fazer uma análise serena e metódica da figura do grande romancista. Sem para isso forçar a lógica nem enjear a inteligência.

JOAO PEDRO DE ANDRADE

Registo bibliográfico: *Aldeia-terra, gente e bichos*—Aquino Ribeiro; *A fuga do anjo*, António Porto-Além; *Pensamentos*, palavras e factos, João Paulo Freire (Mário); *O aço mudo*, de tempera, Manuel do Nascimento; *A cidade das mil cores*, Cesar dos Santos; *Os culpados da queda da monarquia*, António Cabral; *A confissão de Lucio*, Mário de Sá-Carneiro; *Sombras do passado*, Rafael Marçal; *As estrelas moram longe*, Maria da Graça Azambuja; *Leis do coração*, Maria de Figueiredo; *Dois corações que a vida separou*, Georgina Cardoso dos Santos; *Alarme em Berlim*, Helena de Lichterfeld.

ENCADERNACÃO — LIVRARIA
MARQUES DA SILVA
RUA DE CAMPOLIDE, 14

Produtos Fotográficos

PARA AMADORES E PROFISSIONAIS

FOTO CIENTIFICA E INDUSTRIAL

Representantes GARCEZ, L.^{DA}

CHIADO — LISBOA

APARELHOS FOTOGRAFICOS — TRABALHOS PARA AMADORES

A Verdade e a Justiça são o alimento da alma

Os relógios A R G U S

são símbolos de precisão

ECOS

Passou ontem o 6.º aniversário do falecimento do pintor Carlos Reis cuja obra, tão pessoal como nacional, é uma lição para o presente e para o futuro.

Recordando esta data, o «Diário de Lisboa» presta sincera homenagem a um homem que serviu a sua Pátria e que a honrou, dentro e fora das suas fronteiras.

No seu filho, o pintor João Reis, existe a chama perene da saudade e o propósito bem assente de tirar do exemplo paterno estímulos para a sua própria obra—toda ela banhada na luz e no amor de Portugal.

Turvam-se os ares? É um momento único para que os homens de boa vontade saibam impor-se, dominando acontecimentos que, caso marchem como forças cegas, nos levarão muito além do que a razão e a prudência exigem. A Conferência da Paz gira sobre si própria, irresolutamente, sem conseguir abrir caminho para as soluções desejadas.

Qual é o poder bastante forte para congregar os animos e robustecer a noção dos deveres a que hão-de sujeitar-se todos e cada um?

Confiamos em que a própria gravidade das circunstâncias exercerá a sua acção moderadora, travando a catástrofe, impedindo a corrida para o abismo.

Há hoje alguém que tenha qualquer interesse em mergulhar o mundo na treva e no desespero?

Não acreditamos, tanto mais que um novo apelo às armas teria como consequência a subversão subita dos povos. Apesar das barreiras que se têm levantado ultimamente, com muito dano para a ordem e a paz, quer na Europa quer na América, ninguém se atreverá a assumir a tremenda responsabilidade de correr aos campos de batalha, a fim de esclarecer uma situação que as paixões têm urvado e escurcido.

Plínio Salgado partiu para o Brasil, deixando em quantos puderam admirar as riquezas do seu espírito lembrança indelevel.

O seu recentíssimo trabalho—«Como nasceram as Cidades do Brasil»—prolonga em certo sentido a sua presença entre nós. Aconselhamos a sua leitura, sobretudo aos que, na admiração que lhe votavam, abrangiam o culto de duas Patrias. Plínio Salgado, grande amigo de Portugal, nunca se esquece de mostrar a sua fé lusitana, a sua lealdade ao sangue e à alma dos antepassados.

—Um dia, diz ele, em que transbordava o meu afecto pelo Brasil e os Brasileiros, resolvi contar, na terra dos nossos Maiores, a historia breve que está indicada sucintamente nos seus lineamentos, cores e designações geográficas: a historia das cidades do meu país.

É apenas o resumo de tudo quanto conversei contigo e de tudo quanto sonho escrever sobre um tema tão rico e fascinante.

O livro, «Como nasceram as Cidades do Brasil» é dedicado ao «Mapa da Minha Pátria» que Plínio Salgado tinha diante dos olhos, quando pensava, meditava ou escrevia e para o qual iam as suas aspirações.

O professor Langevin, num notável artigo que publicou há pouco em «Les Essors», ocupou-se da educação e da necessidade de a reformar, a fim de que o «mundo novo» que se busca se torne numa realidade.

Que se pode fazer com hábitos e ideias velhas?

Repetir o passado, prolongar erros que se supunham vencidos e deharmonizar as classes, impedindo que todas participem do mesmo pão. Não se irritem os que muito sabem nem se encolerizem os que muito podem: enquanto não dermos à escola o papel que lhe compete, cultivando uns, mas desprezando outros, não sairemos da crise espiritual e moral em que nos debatemos. Urge aproveitar os valores e aptidões, dando a cada um a instrução que lhe convém, e não sacrificar a cultura popular ao êxito e ao brilho de uns tantos.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Por um lapso de paginação, o título que encimava, ontem, a nossa crónica internacional acerca da Palestina diz respeito à crónica que hoje publicamos sobre a Turquia.

João Rebelo perdeu A luta des

a «camisola amarela»
que passou para José Martins

(Dos nossos enviados especiais)

VILA REAL, 22. (Pelo telefone).—A tirada Viseu-Vila Real, uma das mais longas, reduziu os concorrentes, que eram 67 de início, para 42. Destacaram Onofre Tavares, do Porto, que foi o primeiro «camisola amarela», os dois homens do Algarve, Manuel Barros e João Viçegas, o corredor do Lisgás, Pinto Ribeiro, o amador individual Manuel Palmeira, e o amador do Campo de Ourique, Hercúlo Constantino. Só a equipa da Iluminante conserva todos os seus homens.

A etapa, áspera e difícil, foi dividida em três percursos distintos: o primeiro fez-se sem incidentes, por estrada boa, até S. Pedro do Sul; o segundo de S. Pedro à Régua, por caminho árduo, poeirento, por estrada má, com subidas propícias à luta; o terceiro, o final, por boa estrada, mas não isenta de dificuldades.

Os corredores suportaram com estoicismo todos os contratempos, desde «furos» constantes até quedas, como sofreu Custódio dos Reis. Insensíveis à dor, à sede, à poeira, lá foram pedalando, como verdadeiros heróis do desporto.

Espera-se uma armadilha de Fernando Moreira

A característica dominante girou toda à volta de uma armadilha que se crê que o valoroso Fernando Moreira anda a preparar, com tacito consentimento, dos «iluminantes». Sabe-se que a suceder qualquer acidente a João Rebelo ou a qualquer dos mais altos na tabela—os outros abalarão a perder-se de vista. Parece provado que, com a actual distribuição de forças, nenhum corredor se pode esquivar em condições normais, de modo a colocar-se em vencedor.

Na tirada Viseu-Vila Real Fernando Moreira puxou a bom puxar, auxiliado por Dias Santos, mas não conseguiu isolar-se. A cada pedalada mais vigorosa respondeu João Lourenço sem grande esforço, seguindo-lhe na esteira João Rebelo, a coberto do seu companheiro de equipa, e tranquilo.

Moreira tem amealhado prémios e dinheiro na passagem das metas e no final das etapas. Mas quem conserva a camisola é João Rebelo. Até quando? Talvez esta manhã, de Vila Real a Mirandela, o caso se decida, para confirmação ou para uma nova alteração.

De Vila Real a Mirandela
deu-se o grande «reboligo»

MIRANDELA, 22.—(Pelo telefone).—Entre Vila Real e Mirandela a jornada decorreu num cenário característico da província transmontana. Serra e mais serra. Descidas constantes, aqui e ali compensadas por algumas subidas suaves. Trajecto perigoso, difícil, principalmente ao descer para Murça.

A cerca de 30 quilómetros depois da partida, José Martins era primeiro com o tempo de 44 minutos e 37 segundos. Fernando Moreira ia em segunda posição com 46 minutos e 6 segundos, e Rebelo era apenas terceiro com 45 minutos e 27.

Com 46 minutos e 5 passou Lourenço em quarto lugar. Em Murça José Martins manteve-se na frente com o tempo de 1 hora, e 14,15. Moreira continuava segundo com mais 35 segundos, e Rebelo era ainda o terceiro em 1 hora 16 m. 12 s.

Nesta altura o sportinguista «leader» tinha já perdido a «camisola amarela», pois que partindo de Vila Real com 1 minuto e 44 segundos sobre José Martins, levava em Murça 1 minuto e 57 segundos de atraso. A sua marcha era pouco animadora, dando-nos a convicção de que a «camisola» perigava naquele corpo. Efectivamente um pouco mais à frente José Martins tinha 1 hora, 47 m. 10 s., e Fernando Moreira 1 hora, 49 m. 10 s. e Rebelo 1 hora 50 m. 48 s. Isto é: José Martins recuperara todo o atraso em relação ao seu mais directo e ganhava-lhe 1 minuto e 54 segundos.

O «leader» a 20 quilómetros de Mirandela era já outro. Dera-se o golpe de teatro: a nota mais sensacional até agora da XI Volta.

Até à linda vila de Mirandela, beijada pelo Tua, que nesta quadra do ano corre bonançoso, José Martins foi aumentando a sua vantagem; alcançou nada menos de seis corredores que partiram à sua frente, e um deles era Moreira, e distanciou-se cada vez mais de Rebelo.

E aqui está como nos 71 quilómetros (e não 75) de Vila Real a Mirandela, a «camisola amarela» voltou a ter novo possuidor, dando à prova mais um motivo de interesse.

A partir deste momento, arredado Rebelo da posição de «leader», e elevado Moreira ao segundo lugar, tudo pode esperar-se. Lembramos que vamos a caminho do Porto, e que Moreira tem, em Mirandela, apenas o atraso de 3 minutos e 34 segundos de Martins.

A etapa que vai seguir-se esta tarde—Mirandela-Bragança—não deve trazer modificações. Mas o mesmo não pode dizer-se relativamente à jornada de amanhã, que em 240 quilómetros

(duas etapas) pode trazer, e terá com certeza, sensíveis modificações.

T. DA S.

Comentários técnicos

Contra a expectativa quase geral a «camisola amarela» mudou de dono na 3.ª etapa contra-relogio. A partida todos os elementos da caravana admitiam que João Rebelo triunfaria mais uma vez consolidando a posição de «leader». E muito embora F. Moreira se mostrasse disposto a atacar a fundo, os vaticínios eram todos favoráveis a João Rebelo.

Simplemente o sportinguista começou mal, com andamento que não lhe dava garantia de êxito, já que o portuense Moreira e o corredor primaz da Iluminante pedalavam num ritmo impressionante de velocidade.

O «leader» partiu de Vila Real com 1 minuto e 44 segundos de avanço sobre José Martins, 3 minutos e 18 segundos sobre Moreira, 4 minutos e 19 segundos sobre Lourenço, e 5 minutos e 45 segundos sobre Driss.

Mas a meio da etapa já Rebelo tinha deixado fugir parte da sua vantagem. Ao chegar a Mirandela—estava destronado.

Feita a classificação, Martins era 1.º da tirada, seguido de Moreira e João Lourenço. Rebelo ficou em 8.º lugar! Deste modo a classificação geral sofreu profundas modificações. O ciclista primaz da Iluminante ficou em Mirandela com 3 minutos e 34 segundos sobre Moreira, 6 minutos e 20 segundos sobre Rebelo.

A corrida de João Rebelo surpreendeu. É provável que este corredor esteja a acusar agora os efeitos de muitos milhares de quilómetros por esse mundo de Espanha e da Suíça. E compreende-se deste modo que o Sporting não tivesse aproveitado na etapa de Viseu—como disse Tavares da Silva—o momento em que teve quatro unidades na vanguarda.

Estas coisas acontecem em ciclismo: de um instante para o outro tudo se modifica. E' que, evidentemente, só a persistência no esforço pode dar ideia das possibilidades dos concorrentes.

Rebelo deve, além de tudo, acusar os golpes lançados na véspera pelos nortenhos Moreira e Dias Santos. Teve de responder constantemente, e ficou «fanado», como se diz na gíria da Volta.

O percurso foi difícil, cheio de perigosas curvas, e em grande parte por estrada em macadame.

A média geral horaria foi de 33,683, que pode considerar-se boa. Mais uma vez Joaquim Costa, amador do F. C. Porto, se evidenciou. O seu tempo, em classificação única, responderia ao 9.º lugar. Também o portuense Dias Santos voltou a fazer uma boa corrida contra-relogio. Quero dizer: os portuenses são especialistas neste género de provas.

Maximiano Rola mantém o 1.º lugar nos amadores; foi mais feliz que o seu colega na categoria dos independentes.

M. M.

Classificação em Mirandela

INDEPENDENTES:

	H	M	S
1.º José Martins	2	6	28
2.º Fernando Moreira	2	8	28
3.º João Lourenço	2	10	28
4.º Driss	2	12	28
5.º Djallali	2	13	44
6.º Dias Santos	2	14	22
7.º Aristides Martins	2	14	32
8.º João Rebelo	2	14	23
9.º Manuel Rocha	2	18	22
10.º Júlio Mourão	2	18	28
11.º Guilherme Jacinto	2	20	1
12.º Eduardo Lopes	2	20	28
13.º Jorge Pereira	2	20	45
14.º Custódio Reis	2	21	43
15.º Tavares da Silva	2	22	1
16.º Tulo Pereira	2	22	24
17.º Santos Rato	2	23	56
18.º Carlos Quadros	2	24	23
19.º Imperio Santos	2	24	54
20.º Aristides Paulo	2	26	4
21.º José Ferreira	2	26	27
22.º Gaspar Paulo	2	26	28
23.º Luís Pereira	2	28	12
24.º Manuel Pereira	2	39	16

AMADORES:

1.º Joaquim Costa	2	17	45
2.º Manuel Espadinha	2	19	43
3.º Manuel Gonçalves	2	20	12
4.º Maximiano Rola	2	20	36
5.º Joaquim Sá	2	21	26
6.º António Castro	2	21	43
7.º Domingos Jacinto	2	22	12
8.º Serafim Paulo	2	22	36
9.º Amândio Correia	2	22	54
10.º Carlos Dias	2	23	45
11.º Rafael Correia	2	25	40
12.º Alberto Alves	2	27	32
13.º João Alves Lucio	2	27	45
14.º Amândio Monteiro	2	28	33
15.º José Novais	2	29	32
16.º Alexandre Dias	2	31	11
17.º Domingos Silva	2	31	34
18.º António Marques	2	33	32

A luta des
contra
terá todo o apoio da
— segundo se afir

Com a presença de sete vereadores e de diversos directores de serviços, realizou-se hoje, sob a presidência do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, a reunião pública mensal da Câmara Municipal de Lisboa.

O problema da habitação

Antes da ordem do dia, o sr. conde de Carnide salientou o grande serviço que a Câmara está a prestar à população, desenvolvendo a construção de habitações para todas as classes. Referiu-se ao «mercado negro» que em tal capítulo se criou, com trespasses, «chaves», etc., devido à falta de habitações. Defendeu o critério de que as casas económicas construídas pelas entidades oficiais só devem ser atribuídas a quem delas necessitar. E disse que é indispensável que essas entidades estimulem, embora dentro do respeito de determinadas condições, a construção civil por particulares.

O sr. presidente, esclarecendo um ponto de anterior discurso, declarou que a Câmara não se opõe ao acrescentamento de andares nos prédios existentes, desde que ele não seja exagerado.

Obras nos paços do concelho

O sr. arquitecto Vasco de Moraes Paimeiro (Regaleira), depois de elogiar o programa das comemorações do oitavo centenário da tomada de Lisboa aos mouros e as figuras que fazem parte das respectivas comissões, lembrou que grande parte dessas comemorações se realizará no edifício dos paços do concelho e que, portanto, é necessário fazer neste as limpezas e as transformações indispensáveis. E propôs que sejam contratados para tais trabalhos um arquitecto estranho aos serviços da Câmara e dois escultores.

A visita da esquadra americana

O sr. Pedro Correia Marques salientou a importância que teve, depois da visita duma esquadra britânica, a vinda a Lisboa da esquadra americana. Recordando palavras pronunciadas pelas entidades oficiais portuguesas, inglesas e americanas, solenizando o regresso das bases dos Açores à soberania portuguesa, disse ver em tudo isto uma espécie de pacto tripartido, para a defesa do Atlântico, neste momento em que tantos perigos se desenhavam no horizonte. E concluiu afirmando que mais uma vez se demonstrou que altos serviços Portugal deve ao dirigente da sua politica internacional.

O problema do transito

Falando de transito, o sr. Francisco Marques destacou o acto de ele não depender, ao contrário do que muitos julgam, da Câmara Municipal, e sugeriu: uma intensa e constante propaganda sobre o transito, utilizando a rádio, o cinema, estampas para distribuir nas escolas; apreensão provisória das cartas dos condutores de automóveis que, nas zonas urbanizadas, excedam as velocidades estabelecidas; multas e outros castigos aos condutores doutros veículos que praticassem as mesmas transgressões; disticos em todas as ruas, indicando qual a velocidade máxima e as sanções para os transgressores; modificação do sistema de autuação destes; proibição do estacionamento de veículos nas ruas centrais; e criação de novos parques para estacionamento.

A luta contra o «mercado negro»

O orador louvou a acção do Governo por ter resolvido tomar medidas energicas contra o «mercado negro». Elogiou as qualidades do sr. capitão Silva Pais e, depois de salientar que o município, pela sua Policia e pelos respectivos serviços, já lhe está a prestar todo o apoio, afirmou que é indispensável também a colaboração de todos os municípios.

—Se há generos para vender no «mercado negro», perguntou, porque não os há para os mercados legais? E se há quantidades que

CHEGOU A SEVILHA

uma excursão de portugueses

SEVILHA, 22.—A esta cidade chegou hoje, ao meio dia, uma excursão de Évora, que ás 19 horas será recebida pelo alcaide, para fazer entrega duma mensagem de saudação. Em honra dos excursionistas preparam-se varias festas. —(Efe).

PROF. FERNANDO FONSECA

Acompanhado de sua esposa, a sr.ª dr.ª D. Maria da Graça e Silva Fonseca, partiu ontem, de avião, para a Suíça, em viagem de estudo, o sr. professor dr. Fernando Fonseca.

É Sempre Aconselhável

Colocar o excedente das suas economias em valores portáteis: visite, pois, a Grande Ourivesaria da Moda 257—Rua da Prata, (Esq. de Santa Justa).

encadeada

o «mercado negro»

Câmara Municipal

nou na sessão de hoje

permitem que muita gente esteja a abarrotar de alimentos, porque não se aumentam as captações de certos produtos?

Aconselhou todos os munícipes a, não só combaterem o «mercado negro», mas a denunciar as autoridades as pessoas que tenham em seu poder quantidades exageradas de gêneros de primeira necessidade.

O sr. engenheiro Alvaro de Sousa Rego aplaudiu também a iniciativa do Governo.

O sr. Antonio Maria Pereira lembrou a conveniência de se permitir a construção de capoeiras no bairro da Quinta das Furnas, em frente do Jardim Zoológico.

O sr. presidente concordou em que fossem registadas na acta as palavras proferidas sobre as visitas das esquadrões e a luta contra o «mercado negro»; prometeu tomar nota das sugestões sobre o trânsito e estudar o assunto, com diversos vereadores, numa reunião após a sessão pública; disse achar perigoso autorizar a construção de capoeiras no bairro acima referido, dada a tendência que nós temos para utilizar «muita tábua e muita lata»; e salientou, em referência às palavras proferidas na última reunião pública, que a Câmara se pôs de acordo com a Intendência, para a colaboração na luta contra o «mercado negro».

Antes de encerrar a sessão, o sr. presidente comunicou que a sr.ª condessa de Tarouca pediu à Câmara que lhe fosse cedida a porta armoriada do palácio do marquês do Alegrete que está a ser demolido, informando de que a vereação estudará devidamente o assunto.

Um desmentido americano sobre a concessão de bases portuguesas aos Estados Unidos

WASHINGTON, 22.—O informador do Departamento de Estado desmentiu hoje as notícias de Lisboa, publicadas na imprensa, de que representantes americanos estavam a negociar com Portugal a concessão de bases. Declarou que os funcionários americanos que presentemente se encontram em Lisboa para tratar das bases se achavam lá apenas para cumprir o acordo estabelecido entre os dois governos, no dia 30 de Maio.

Os pormenores da transferência de tropas e equipamento americanos do aeródromo de Santa Maria para o aeródromo das Lajes, nos Açores, tal como se previa no acordo, estavam a ser executados.—(R.).

MINISTRO DA GUERRA

FUNCHAL, 22.—O ministro da Guerra seguiu hoje, na companhia de diversas individualidades, em visita a Santana, Queimadas, Machico e Serra Camacha. Amanhã, o ministro segue no «Tejo», em visita às Desertas.

Reaparece a sardinha nas costas do Algarve

OLHÃO, 22.—(Pelo telefone).—Após um prolongado período de crise de pesca apareceu hoje, na costa algarvia, importante quantidade de sardinha e biqueirão. Todavia, os cercos de pesca encontram-se na iminência de paralisar, por não lhes ser fornecido, de pronto, o carvão de que necessitam. O assunto está a ser tratado pelo Grémio dos Industriais de Conservas de Sotavento do Algarve, mas, até agora, ainda não foi resolvido.

O dr. Hipólito Raposo diz

que os conventos devem ser restituídos às ordens religiosas

O dr. Hipólito Raposo recebe-nos na quietude da sua casa, onde se experimenta uma sensação de distância do dinamismo do nosso século. Vibra ali um eco do passado, como se as vozes de outras eras se erguessem e procurassem apagar as que ressoam hoje... Mas há um não sei quê de puritano e de ascético pairando na atmosfera em que vive o consagrado escritor.

Levou-nos junto dele o dever que impõe a nossa profissão de tudo procurar saber e tornar conhecido do publico. E alguma coisa está agora a interessar o autor de «Descobrindo Ilhas Descobertas»: o repovoamento dos nossos conventos, como o de Alcobaça, onde partilham sete séculos da nossa História e onde os amores românticos de Inês e Pedro ficaram, até a fim do mundo, gravados em rendilhados de pedra tumular, poéticos e sentidos como uma elegia.

Diz-nos o dr. Hipólito Raposo:—Se não quisermos ver esses momentos, que oferecem verdadeiras riquezas arquitetónicas, transformados em acomodações de coisas profanas e chãs, as suas igrejas, por vezes, feitas celeiros e forjas, nos seus claustros, deve-se manter neles o espírito que os ergueu! Respeitar o fim para que foram criados! Faz doer a alma chegar ali e sentir um silêncio sepulchral, cortado apenas, a espaços, por um ou outro pio de coruja ou, então, ver através-los bandos espantosos de turistas descuidados—posto de parte o objectivo espiritual, para que foram erguidos.

E com resoluta expressão:—E' digno e justo manter nos edifícios das fundações religiosas o espírito que os criou. Acomodá-los a outro fim é erro e profanação. Lembremos, entretanto:—Mas, contudo temos de fazer justiça ao esforço que ultimamente se tem empregado em reedificar o que estava meio em ruínas...

Mas o nosso entrevistado, irredutivelmente, objecta:

—Entendo que reintegrar pedras e formas sem cuidado pela alma que nelas morou, vale o mesmo que embalsamar cadáveres!

E reforçando o seu ponto de vista:—Os mosteiros e igrejas valem por disposições testamentárias dos antepassados que, por honra e justiça dos mortos, nós, os herdeiros, temos o dever de conservar fielmente vivos.

—Mas por que não transformar, realmente, esses lugares, outrora sagrados, em museus de arte, que se conservassem com desvelo requintado?—sugerimos.

A resposta do nosso entrevistado mostra claramente que ele não cede um passo do seu critério:

—Com o disfarce da museolatria e o culto da arte, encobre-se a irreligiosidade, removendo-se o culto de Deus-Vivo para fora dos altares e dos tabernáculos.

—No seu entender, as ordens religiosas deviam tomar conta desses lugares, não é assim?

—Claro! Há beneditinos, franciscanos, jesuítas e diversas outras ordens e congregações de ambos os sexos cuja existência e condição estão hoje legalizadas pelos artigos da Concordata. Os serviços destas ordens estão a ser aproveitados para a obra de cristianização dos indígenas de África e de Timor, e para a expansão portuguesa no Mundo.

—Quais seriam as edificações que, de preferência, escolheria para essa realização?—indagamos.

O dr. Hipólito Raposo enumera então:

—Como já se fez, em parte, para Tomar, porque não se havia de aproveitar para fins espirituais, Alcobaça, Travanca, Palmela, Aviz, Fátima da Rosa e outras? Haveria dois proveitos: o da conservação e o da utilização destas formações. O que ainda não foi destruído ou deformado sem remédio deveria ser restituído às funções do seu destino. Mantinham-se os vivos traços da fisionomia espiritual da nação.

—E tem a impressão de que a maioria do povo aceitaria o caso, de boa mente? observamos.

—Em absoluto. Creia bem que seria essa a sua inteira vontade.

—Mas não se levantariam, enfim, quaisquer dificuldades?

O nosso entrevistado, insistindo, responde:

—Talvez. Mas resolvê-las é a missão gloriosa dos grandes estadistas.



DR. HIPOLITO RAPOSO

Num artigo recentemente publicado, o dr. Hipólito Raposo falou dum Instituto de Altos Estudos católicos. Lembremos-lhe o assunto e ele explica:

—Aponte este como um dos destinos dignificadores das edificações reintegradas de Alcobaça.

E como num parentesis:

—Mas é simples alvitre. O caso não é comigo, obscuro, fiel cristão. Pertence ao Episcopado tratar dele. O meu desejo é bem intencionado e, se não servir a Igreja, também não ofende o Estado... E também não deve molestar os jacobinos, para quem a liberdade de consciência costumava ser o dogma inabalável.

Comentamos ainda:

—E sob o ponto de vista económico, não traria isso quaisquer encargos para a Nação?

—De modo algum. Os religiosos têm todos um extraordinário poder de recomposição. Poderiam leccionar, o que lhes era facilitado pela sua cultura; e, além disso, há sempre legados que vêm ajudá-los, nos seus empreendimentos. Os conhecimentos dessa gente são profundos. Olhe, sabe quantos livros possuía a biblioteca do mosteiro de Alcobaça? Centenas de milhares de volumes, que hoje, na maioria, se encontram dispersos, até pelas bibliotecas públicas.

—Ao repormos nos conventos as ordens, qual estaria destinada ao de Alcobaça?

—A dos frades Bernardos. Devolveríamos a esse mosteiro a vida para que ele foi criado. Sob as suas abobodas ressoaria novamente o órgão, há tanto calado! E que fonte de religiosidade não representaria essa vida para a Nação!

—Dizem que já se encontram, no país, bastantes ordens...

—Sim, há-as por aí espalhadas. Mas mal instaladas! quando afinal os conventos estão vazios... Em Espanha nunca se viram aqueles desabitados. E Portugal desde 1834 que está privado das ordens religiosas.

Preguntamos para finalizar:

—O que poderão fazer os frades Bernardos?

A resposta foi simples:

—Leccionar e semear a religião.

DEGRELLE TEM OITO DIAS

para sair de Espanha

SAN SEBASTIAN, 22.—O chefe rexista belga Léon Degrelle abandonou o hospital onde se encontrava desde a sua chegada a Espanha, no Verão passado. Será escoltado pela Polícia até à fronteira e expulso, se não abandonar a Espanha voluntariamente no prazo de oito dias.—(U. P.).

EM 3 LINHAS

Foi constituída uma Companhia Industrial e Comercial de Angola, com sede no Lobito, com o capital de 5.000 contos.

O Secretariado Nacional da Informação editou, em inglês, e com boas estampas, três pequenas monografias: Resumo da história de Portugal, Sintra e Arrabida-Palmela-Coimbra

Vão realizar-se investigações nas colónias para a utilização de certas plantas no fabrico de pasta de papel e de textéis para sacaria.

A Câmara Municipal de Lisboa ganhou no Supremo um recurso acerca da expropriação a que procedeu da Quinta da Ucharia, expropriação que tinha sido suspensa pela Auditoria.

Vai estabelecer-se no porto de Vigo uma zona franca, como a já estabelecida em Cádiz.

«A Voz» diz hoje com razão e com visão: «E' preciso aumentar as captações do racionamento». Será a primeira grande machadada no «mercado negro».

A comissão de seguros de guerra do Ministério das Finanças teve no ano passado um resultado de 45.211 contos que, com os resultados dos exercícios anteriores eleva a 155.134 contos a situação líquida.

Faz hoje quatro anos que morreu esse artista peregrino, D'Artagnan bondoso, que foi Jorge Colaço. Dele se pode dizer que à morte o poupou.

Foi aprovada a constituição heráldica das armas do novo concelho do Entroncamento: distico de sinalização entre dois perfis de carvalho, com coroa de quatro torres. São armas—ferrovias.

O capitão Luis Manuel Tavares é o novo adjunto do Comando Geral da Polícia de Segurança de Lisboa.

Foi estabelecida uma zona de protecção do monumento nacional que é o castelo da Feira.

Em Sevilha—cidade de 400 mil habitantes—registaram-se, ontem, apenas três óbitos!

O avião em que regressa a Lisboa o comissário nacional da M. P., sr. dr. Luis Pinto Coelho, é esperado pelas 17 horas na Granja do Marquês.

Deve ser amanhã assinado, em Lisboa, o contrato da empreitada para as obras do porto de Faro-Olhão.

Morreu agora em França, com 83 anos, Léon Gaumont, que foi um dos pioneiros do cinema falado.

Técnicos ingleses investigam

a origem das bombas de foguete que estão a cair na Suécia

LONDRES, 22.—Encontram-se na Suécia técnicos britânicos do radar, que procuram investigar a origem dos foguetões que caíram em território sueco e que continuam a cair, com crescente frequência. Esta informação é publicada hoje no «Daily Express». Os especialistas britânicos já apresentaram um relatório ao Governo sobre o resultado das investigações e, provavelmente, vão continuar a trabalhar com representantes do Governo da Suécia. Este pediu por empréstimo equipamentos de radar, sendo o pedido satisfeito.—(Reuter).

O prof. Sousa da Camara seguiu para a Dinamarca

Partiu hoje para a Dinamarca, no avião da A. B. Aerotransport o professor dr. António de Sousa da Camara, director da estação agrícola nacional e delegado do Governo português á assembléa do Instituto Internacional de Agricultura, que reunirá em Copenhague.

TUDO PARA AVICULTURA
Anilhas para pássaros, numeradas, em alumínio e celuloide. Anilhas para galinhas, comedouros, chocadeiras, etc.
Agência Int. de Representações, Lda.
220, Rua da Madalena, 224
TELEF. 23616 LISBOA

FIM DO MUNDO
Restaurante-Bar — Especialidades
Avenida Valbom (Em frente da Estação)
CAXIAS — Telef. 200.
INAUGURA AS SUAS INSTALAÇÕES
EM 24 DE AGOSTO

LOMBADAS
ÁGUA GASOSA NATURAL
ESTA AGUA É O TIPO MAIS PERFEITO DAS AGUAS MINERAIS NATURAIS CARBONICAS FRIAS
A VENDA EM TODA A PARTE

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 4.ª pag.)

dade é considerada bastante, visto a vida que levam lhes facultar ainda repartir humanamente com os infelizes que os há por falta de saúde, de juízo ou de sorte. O mais importante é que não engordam a custa do suor dos outros...

—Se não existem exploradores nem explorados, se a fome e a miséria os não aflige, compreende-se que o homem não dá largas aos seus maus sentimentos por falta de ambiente.

—Além disso, quando algum pobre cai doente ou sofre um desastre, tem sempre assistência assegurada nos transe doloroso, porque a todos se impõe o dever de se auxiliarem mutuamente sem ser com o intuito vexatório da esmola. Em caso de morte, abrem subscrições para custear o funeral e este apresenta a mesma concorrência do dos mais favorecidos.

Uma vez aconteceu morrer um pobre homem que a doença e a velhice tornaram inválido, cuja indigência extrema justificava plenamente a intervenção daquele povo caritativo. Como não tinha casa, nem família, foi depositado na capela do cemitério para no dia seguinte ser enterrado. A multidão que regressava á boquinha da noite do acompanhamento dispersou até ficar num pequeno grupo, transido de frio, que entrou na taberna do ti Bento para espalhar tristezas. Esvaziaram-se alguns copos de vinho e cálices da cija. Conversa puxa conversa e depois um dos presentes dirigiu-se, nestes termos, com uma ponta de ironia a uma rapariga que há muito tentava requisitar:

—Tu que gosas fama de valentona é que podias ficar a velar o corpo do ti Vicente. Praticavas um acto de caridade e provavas a evidência que, na realidade, és uma mulher de armas.

Outro que estava mais perto dela, intrometeu-se na conversa e disse com ar de mofa:

—Esperem por essa! Se lá não aparecessem as almas do outro mundo seria muito capaz disso, mas assim não tem só medo como nós, tem pavor...

—Nada disso me assusta e, se duvidam, digam lá quanto vale a aposta para me decidir. Ah, se eu fosse assim medrosa até me caía a cara com vergonha!

—Tarrenego, disse logo o Cleto, eu que andei de terra em terra, correndo Seca e Meca e olivais de Santarem nada me intimidou, nem sequer numa ilha selvagem onde fui parar depois dum naufrágio, como embarcado por esses mares sem fim, eu que não perdi o sangue frio ao ver na minha frente os tubarões de boca escancarada, confesso o meu fraco ao ouvir falar nos fantasmas que dizem aparecer a horas mortas naquele sitio.

—Quem tem medo compra um cão, que eu por mim vou lá sozinho.

E pediu ao guarda do cemitério para lhe confiar a chave, em virtude de terem chegado a acordo. A hora marcada a Clara subia o monte, abria o portão e entrava na capela com o ar despreocupado de quem tem coragem para afrontar todos os perigos.

Houve uma pausa, enquanto bebiam mais um copinho para aquecer e a seguir o mais teso vociferou a esputar de raiva:

—Já bonda! Não há direito que a gente pratique tão má acção, sujeitando uma mulher indefesa a qualquer sensaboria. Se lhe acontecer qualquer coisa desagradável, somos nós os únicos culpados.

Dito isto, com o aplauso dos assistentes, meteram-se todos a caminho com passo acelerado até chegarem á capela onde Clara e encontrava ajoelhada, orando junto do cadáver, sem ao menos mostrar receio dos morcegos que lhe batiam na cara esvoaçando em sua volta. A primeira impressão foi de pavor, depois ganharam tal animo com o exemplo dado por aquela rapariga decidida, que se achavam capazes de enfrentar a própria morte.

No silêncio da noite ouvia-se apenas o piado dos mochos e lá, em baixo, o murmúrio monótono do rio. O céu estava carregado de nuvens. De repente brilhou um relâmpago, estalou um trovão, caiu uma farsa e ninguém fugiu com medo.

Quando abandonaram o Campo Santo ainda a aldeia dormia a sono solto.

Ao nascer do Sol, um raio de luz penetrou nos espíritos tímidos, libertando-os dos espectros criados pela imaginação.—P. M.

PUBLICAÇÕES

«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

O ultimo fascículo publicado, o n.º 168, veio fechar mais um volume, o 14.º, da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. O 14.º volume, que, dentro de poucos dias, será posto á venda, com uma encadernação primorosa, conta mais de 1.020 páginas, com milhares de estudos inéditos, da autoria dos mais notáveis nomes das ciências, letras e artes portuguesas, milhares de gravuras e mapas acompanhando o texto e dezenas de estampas separadas, a cores, que constituem só por si uma maravilhosa execução gráfica.

Os melhores brinquedos são da marca **BIBI**

A VENDA NOS BONS BAZARES
FABRICA EM AMADURA

LANCIA
RELOGIO DE CATEGORIA

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

char mais cedo as inteligencias. Felismino era um homem pequeno, sem deixar de ser uma criança. Conhecia o processo melhor que eu. Sabia o que iam dizer as testemunhas, as razões dos seus depoimentos, aconselhava-me a que lhes fizesse certas perguntas, indagasse certas coisas. Senti-me tentado a repartir com Felismino os honorários... Não sei como, o pequeno conseguiu entrar na sala do tribunal, onde não podem entrar crianças, e assistiu aos debates. A hora do jantar, na Pensão, Felismino, sem palavras, estendeu-me um papel com um desenho a lapis.

Peguei no papel e vi que o desenho me representava, de toga, braço erguido, boca aberta, tal como outrora o Cicero ou o Demostenes. E era eu! Era a minha cabeçorra onde o cabelo rareia nas fontes, eram os olhos, exoftálmicos, já rodeados de carne enrugada, era a narigueta recortada deixando ver as vibrissas das ventas largas! Tenho pago a artistas de nome, por bom preço e para não desmanchar prazeres, coisa muito inferior, muito menos expressiva, muito menos eu! Felismino viame feio, caricatural, esquisito, o mariola! E o diabo é que tinha razão...

—Foste tu que fizeste isto?—perguntel espantado.

—Vocemecê desculpe. Não está bem. Mas eu faço outro para vocemecê levar para Lisboa.

Guardel o boneco, disse:
—Mas tu tens muito jeito, rapaz! Felismino corou, ficou todo vermelho e voltou-me as costas.

Na «camio nette», já instalado para a partida, no momento da largada, o pequeno estendeu-me outro papel e fugiu.

A distancia gritou-me:

—Eu apareço lá em Lisboa.

Desdobrei o papel e vi. Era eu ainda, a lapis. Não sei porque reconheci-me inteiramente, apesar de não estar grotesco. Eu devo ter em certos momentos aqueles olhos, aquela expressão de boca. Como não sou inteiramente mau, haverá momentos em que não sou inteiramente feio. O que possa ter cá dentro modela o exterior, talvez. Felismino surpreendera um desses momentos. Eu não sou crítico de arte. Não sei dizer asneiras nem muito menos coisas acertadas, sobre artistas e pintores. Mas fiquei comovido. Como é que aquele garoto de doze anos, numa vilota escondida no meio de serras, em que a obra da Natureza é magnífica e a dos homens sordida e suja, como é que ele conseguiu desenhar assim, sem um incentivo, um ensino, tão naturalmente como a água brota da rocha e a erva brava das leivas incultas! Ou eu me enganava muito ou estava ali alguém!

Pasaram meses. Um dia vêm dizer-me que um rapaz me procura e me

quiere falar. Recebi-o. Era o meu artista, o Felismino! Realizara o seu sonho, estava em Lisboa, moço duma leitaria em Almirante Reis. Nunca mais deixou de me visitar. A sua ideia era frequentar uma escola nocturna mas, com o emprego na leitaria, não podia ser, porque á noite é que aperitava a freguesia. Ele já sabia ler e foi-me fácil, com o auxilio de amigos, arranjar-lhe um escritório. Um parente que tinha em Lisboa dava-lhe quarto e as sopas e o Felismino matriculou-se num casarão, pleto de frequência, onde há cem alunos ou mais por cada mestre. Mas o caso foi que se fez notar, passou o primeiro ano, passou o segundo, com esplendidas notas. Vai fazer agora um ano em Outubro, de repente, soube que o pequeno baixara ao hospital. Ele escreveu-me um postal a avisar-me. Fui vê-lo ao Rego.

—Então que é isso, rapaz! Foste-te abaixo?—perguntel-the, fingindo des- preocupação.

Ele sorriu, agradecido. Aquilo passava com certeza. Os seus olhos pretos e enormes, emoldurados pelas pestanas recurvas e compridas, fixavam-me, verumaviam-me.

—Não é verdade que ele ia melhorar?

—Pois está claro. Este repouso até te faz bem!—animei eu.

Ora eu sabia, por um médico amigo, que me proporcionara vélo, que não era assim. A radiografia era terrível. Falaram-me numa caverna, no vértice do pulmão, noutras coisas que eu não entendo. Há um mês, Felismino teve uma hemoptise. O médico disse-me que num sanatório talvez ele se salvasse. Num sanatório? Mas de lá tinha ele vindo, da sua terra entre pinhais e serras, onde no inverno se vêem os gelos da Estrela, sempre presentes como o Fuji-Yama numa paisagem japonesa. Não o pôde ver mais ao meu artista. Morreu há oito dias e gentilmente, o médico explicou-me que fora «uma granuloma».

Ah, eu sei bem que é um «fait-divers», a morte do Felismino. Já tenho visto nos documentários dos Cinemas, a guerra, os campos de prisioneiros, as chacinhas em massa. Felismino morreu na sua caminha branca do hospital. Não tem comparação e é de todos os dias.

Entre os desenhos do pequeno tenho um «auto-retrato» dele, folto com uma caixa de «pastéis» que eu lhe dera. Miro-o, remiro-o, com uma curiosidade angustiada e triste. Onde demonio, vi eu já uma cara assim, uma fronte assim, uns olhos como os do meu garoto da Hospedaria?

Ontem, folheando por acaso, uma velha «Ilustração», descobri. Um retrato de infancia dum grande, dum dos maiores pintores espanhóis do século XVII, é duma tão flagrante semelhança com o do pequeno, que dir-se-ia, ser um a cópia do outro.

O que teria salido dali?—R. C.

«Onde a noite se acaba»

de José Rodrigues Miguéis

(Continuação da 4.ª pag.)

fogachos, por crises—que há a esperar dele uma obra profundamente humana, uma obra em que por força o homem há-de estar tão presente que ao criá-la ele se sinta ainda viver. Uma obra que, para o solitário que é sempre, mesmo mau grado seu, o artista, significa a ansia de comunhão, de ter as coisas vivas e os homens vivos á sua volta, nas páginas que no silêncio da criação se vão amontoando á sua volta.

E porque sentíamos essa profunda humanidade em cada página do seu punho, nunca deixamos de esperar de Miguéis o regresso á literatura. Onde a noite se acaba mostra-nos que o escritor nunca abandonou a criação. As suas novelas, escalonadas de 1928 a 1943, serão fruto escasso para tão longo espaço de tempo. Contudo, as duzentas e tal páginas deste livro têm mais significação para nós do que muitas dezenas de volumes que temos lido «em vão» durante estes longos anos. Por causa de tal humanidade. Por causa da densidade de grande numero destas páginas. Por causa da perfeição—não receemos a palavra!—de algumas das novelas e contos deste livro.

Sabemos, ai de nós, como são escasas entre nós as obras em que se reúnem, se harmonizam, a arte e a humanidade. Constantemente, o terrível divórcio salta aos olhos este admirável prosador—mas como é possível esta cegueira para os valores propriamente humanos, para o impalpável vibrar da vida, esta carência de «sentimento da vida»? Aquele, deixa profundos rastros de humanidade através de páginas duma prosa insuportável, que mata a humanidade... e mata a paciência do leitor; a humanidade esvai-se, porque falta a arte para a tirar da sua ganga espessa. Ainda não sou para nós a hora de pôr o homem de acordo com o escritor, as ideias e a experiencia nova, em unissono na obra, isto que se lê não já citado carta-prefácio, está profundamente certo. Mas Miguéis é um dos poucos em caminho para cumprir esse vão. Este livro o diz, apesar das suas desigualdades.

Porque, como não podia deixar de ser, não há só perfeição neste livro. «Enigmático» resente-se demasiado do «espírito» de Eça. «A mancha não se apaga» é um tanto literário, há nas suas páginas uma atmosfera de fantástico que não é a «corda» mais própria para o talento de Miguéis. Mas poderá isso fazer-nos esquecer a qualidade absolutamente excepcional de novelas como «Morte de homem», «A linha invisível», «O acidente», qualquer delas suficiente para consagrar um escritor, e a multiplica riqueza dos contos. «O Chapelinho amarelo» e «Beleza orgulhosa»? E referi quase tudo—deixando porém para o fim «Cinzas de incêndio», que talvez para muitos seja a melhor novela do livro, mas que é um tanto ou quanto prejudicada, creio eu, por aquele seu quê de «fantástico» que já assinala a propósito de «A mancha não se apaga». Mas apesar disso há um tal equilibrio nestas cinquenta páginas, a verdade humana daquela figura de Claire é tão grande que esquecemos o tudo nada de «realismo» que a banha.

Com este livro, Rodrigues Miguéis vem, não ocupar, porque nunca deixou de o ter, mas justificar o lugar de primeira grandeza que lhe pertence. Isento desse localismo que prejudica tantas tentativas de exprimir o homem, e que toma as aparências pelo essencial, livre de qualquer afectação de estilo. Miguéis deve a si próprio e á nossa literatura aquele sacrificio de amor da vida que se transforma, num autentico artista como ele, na mais alta expressão, e perduravel, desse mesmo amor.

ADOLFO CASAS MONTEIRO

FESTAS NO BOMBARRAL

BOMBARRAL, 22.—Na verbena popular dos Bombeiros Voluntarios efectua-se no domingo a festa denominada Grande Noite das Rosas, em que se apresentará o Rancho das Rosas, da Figueira da Foz, composto por 58 figuras.

Vai a Benfica?

Visite o RETIRO DA BAIRRADAL

Insecticida Keating

O preferido do publico. Embalagem de origem. Não se vende a peso. AGENCIA: Rua dos Fanqueiros, 105, 1.º.





ALCOLINE

PAPEL HELIOGRAFICO AMONACAL
REVELAÇÃO A SECO
TRAÇO PRETO-TRAÇO CASTANHO

ROLOS DE 1X10 METROS

48\$00

QUALIDADE GARANTIDA
VENDE-SE NAS PAPELARIAS

AGENTE
JOÃO LUCAS
LISBOA

FABRICANTES
ALLOTT, JONES & CO. LTD.
LIVERPOOL

*Pond's Productos
de
Beleza*

Crems (dia e noite), Pó facial e Batons

ÚNICO AGENTE DISTRIBUIDOR NO PAÍS:

ANTÓNIO MADUREIRA

R. D. JOÃO IV, 602 - TELEF. 2141 - PORTO

Deposítários em Lisboa: **PESTANA & FERNANDES, L.^{DA}**

R. dos Sapateiros, 39-1.º - LISBOA



**D. Maria Henriqueta
Archer Crespo**

FALECEU

Adolfo Archer Crespo e sua mulher, Maria José Archer de Vasconcellos e Sá, seu marido e filhos, José Luis Archer (ausente) sua mãe e filhos, José Luis Archer, sua mulher e filho cumprem o dever de participar que faleceu, confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja, sua mãe, sogra e avó e que o seu funeral se realiza no dia 23, pelas 11 h., da Quinta de Bolonha, Póvoa de Santa Iria, para o cemitério do Alto de S. João, onde deve chegar pelas 11,30 h.

Agência Neves & Silva



Novamente á venda o

FAMOSO

Cognac

Bisquit

de
reputação mundial
Agentes:
A. L. SIMÕES, LD.^A
R. das Flores, 22
LISBOA
Tel. 23850

**TODOS FALAM
TODOS PEDEM
TODOS TOMAM**

FARINHA "33"

Vende-se em toda a parte

ANSUL

CHEMICAL COMPANY

U. S. A.

fabricantes especializados em gases próprios
para as indústrias de Refrigeração, Vinhos e
Laboratórios

Anidrido Sulfuroso (S.O.₂)

Cloreto de Metilo (CH₃Cl)

comunica que acaba de nomear seus distri-
buidores exclusivos a

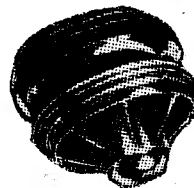
SECODA

Rua Rodrigues Sampaio, 136

Lisboa / Telefone 52547

firma especializada em refrigeração e equipa-
mentos domésticos.

MÉDICOS



VENT-AXIA

Elimina silenciosamente
nas vossas salas

FUMOS

CHEIROS

ATMOSFERAS PESADAS

Eficiencia e economia

Pedidos ao representante

NORTON & C.^A LD.^A

Calçada do Sacramento, n.º 28, 1.º

Telef. 25566

LISBOA

RELOGIOS E OURO

**JOIAS
PRATAS**

A PRESTAÇÕES

**CASA
MAX**

MAXIMIANO PAULO

193-A—Rua de D. Este-
fania — 193-B

tupi

O melhor cre-
me de barbear.
Muito fresco, sua-
ve e aromático.
Quando o usar
preferi-lo-á.
Depósito: F.
Matos Leal, R.
Pinheiro Chagas,
62

DE SOTTO 1946

(FLUID DRIVE)

Novo. Vende-se. Ver onde reco-
lhe. R. Alexandre Herculano, 66.



Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 89, 2.º

Med., coração e pulmões—Dr. A. Narciso, 3 h.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinárias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerv., electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Garg., nariz, ouvidos—Dr. Afonso Simão, 3 e 30 h.
Doenças sr.ªs operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenças das crianças—Dr. G. Coelho, 5 e 30 h.
Boca, dentes, prótese—Dr. A. Lima, 2 h.
Raiz X—Dr. Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet, 4 h.
Análises clínicas



Carlos Basílio de Oliveira

FALECEU

Beatriz Emilia Pinto de Oliveira, Fernando Pinto Basílio de Oliveira, Alice de Oliveira Nunes Gonçalves, seu marido e filhos, José Carlos Marques Pinto de Oliveira e mais família participam o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, saindo o prebitio funebre da Rua José Estevão, 131, 2.º para o cemitério do Alto de S. João.



Carlos Basílio de Oliveira

FALECEU

BASILIO DE OLIVEIRA, LD.^A, cumpre o doloroso dever de participar aos seus clientes e amigos o falecimento do seu prezado socio e amigo e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, da sua residência, na Rua José Estevão, 131, 2.º, para o cemitério do Alto de S. João.

DEFESA

(Continuação da 1.ª pag.)

inteligência. Urge, todavia, que essa obra, que está felizmente espalhada por todo o País, se alargue mais, se espalhe ainda mais, e que entendamos até que ponto ela constitui, embora tenha finalidade própria, um início feliz de tudo o que se deve fazer. A seguir, impõe-se a difusão dessa grande iniciativa que são os Jardins-Escolas João de Deus, criadores de civismo, de moral, de adiestramento profissional e de humanidade compreensiva. E impõe-se ainda a educação da mentalidade nacional perante o problema da salubridade colectiva. Não me permito falar de medidas profiláticas, pois não sou médico, e não conheço o assunto; senão sob aliás escassos aspectos sociais. Mas quer-me parecer que se trata dum caso fundamental, e que exige decisões energéticas e definidas em tal sector de actividade patriótica. Antes prevenir do que remediar—eis o velho ditame que muito convinha não esquecer. Em Portugal, no entanto, gosta-se mais de ostentar curas, de que evitar remédios. Velho defeito que, apesar de velho, não supponho que deslustrasse os animos dos ancestrais de Quinhentos, que tudo viram e preveniram na organização de suas heroicas jornadas... O difícil (mas não o impossível) é imitar-lhes a reflexiva atitude de «senhores do seu destino» e de responsáveis pelo destino dos outros, que soberbamente os caracterizara e dignificara.

Julgar-se-á que estou longe do tema principal destas breves linhas. Não é assim. Respeito pela vida e pela saúde dum povo, defesa da saúde e da vida das gerações moças; ao povo compete, e do público, da opinião pública, depende. Para eles, nos cumpre, de facto, apelar, e não será demais saber que formam um todo completo e inteiro com a índole geral da grei. Educar esta, por conseguinte, ensinar-lhe a consciência do que é e do que pode ser—das virtudes íntimas e das capacidades não postas em prática—é obrigação dos chamados intelectuais. E, porventura, dessa maneira aprenderemos a construir uma pátria digna das aspirações e dos ideais que mais nos exaltam e enobrecem.—J. de B.

JA' PROVOU
REFRES-COLA?Se não provou,
prove !...

Record de precisão 1944

OBSERVATORIO DE NEUCHÂTEL

A questão dos Estreitos

(Continuação da 1.ª pag.)

relações entre os dois países. No momento em que o Reich se expandia em direcção ao Mar Negro, os soviéticos esperavam que lhes fossem dadas garantias a esse respeito. Mesmo que se não falasse nos Estreitos, era neles que todos pensavam, eram eles que, com a sua presença silenciosa, inspiravam tudo o que se dizia em Berlim. Ribbentrop não pôde tranquilizar Molotov a respeito do futuro de Constantinopla e dos Estreitos. Sete meses depois as tropas alemãs invadiram a Rússia, pondo termo a um equívoco que não podia prolongar-se.

As promessas de Potsdam

Em Potsdam, no seguimento de Tcherão e Yalta, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos aceitaram o princípio de que cada uma das grandes potências vencedoras poderia, no momento oportuno, dirigir-se separadamente à Turquia, iniciando negociações para modificar o regime dos Estreitos. Um ano depois, em 8 de Agosto de 1946, o Governo soviético pedia a revisão da Convenção de Montreux com o objectivo de transformar o acordo internacional existente num acordo regional limitado às potências marginais do Mar Negro, o que praticamente equivaleria ao estabelecimento de um condomínio russo-turco nos Estreitos e na região de Constantinopla.

A nota soviética veio abrir de novo o debate secular que opõe a Rússia ao Ocidente desde que Catarina II eliminou a Turquia do numero das grandes potências europeias. Não tardará que esse debate entre na sua fase crítica. E' ele que domina já o cenário morno e equívoco em que decorrem os trabalhos inúteis da Conferência de Paris, classificada por ironia como a Conferência da Paz. E' ele que servirá, simultaneamente, como prova definitiva do valor real da nova balança de forças criada no continente europeu pela última guerra decidindo sobre as derradeiras possibilidades de restabelecer um equilíbrio que foi profundamente abalado pela luta e pelas suas consequências. Finalmente, é esse debate que porá à prova a solidez da entente anglo-saxónica perante as questões vitais que se debatem no continente europeu.

A nota turca de respostas à sugestão russa ainda não foi entregue. Os embaixadores da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos têm conferenciado demoradamente com o ministro dos Negócios Estrangeiros turco. Uma divisão naval norte-americana vai cruzar nas águas do Mediterraneo, fazendo exercícios de conjunto com as unidades d' esquadra britânica daquele mar. Frente diplomática comum? Demonstração de força para equilibrar a concentra-

ção de vinte cinco divisões soviéticas na fronteira do Azerbeidjan?

Reflexões do «Observer»

O «Observer», e seria difícil citar uma fonte mais autorizada, revela a gravidade e a acuidade da situação, criada pelo pedido soviético da revisão da construção, ao escrever:

«A situação actual parece-se singularmente com aquela que existia na Europa no verão de 1938, quando o Chanceler Hitler formulou concretamente as suas reivindicações em relação à Checo-Eslováquia. A França tinha então uma aliança com a Checo-Eslováquia. A Inglaterra tem agora uma aliança com a Turquia. A França não podia então defender a independência da Checo-Eslováquia sem o apoio da Inglaterra. A Inglaterra não pode agora defender a independência da Turquia sem o apoio dos Estados Unidos. A questão vital está em saber se neste momento os americanos consideram o problema dos Estreitos como um problema de importância vital para os seus interesses. Em 1920 o presidente Wilson não aceitou o mandato que lhe ofereciam na região dos Estreitos argumentando que a opinião publica no seu país não aprovaria gesto que ele fizesse nesse sentido».

Assim a questão está posta com uma clareza que não admite dúvidas nem adiamentos. As suas repercussões imediatas são assim descritas pelo mesmo autógrafo «Observer»: «Se a Rússia estabelecesse bases militares nos Estreitos, a Turquia seria rapidamente reduzida à condição de Estado vassalo. A Grécia, a Síria e o Iraque não tardariam a conhecer a mesma sorte».

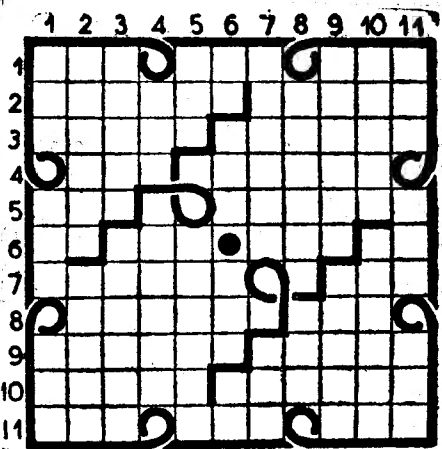
Estes são os reflexos regionais do debate que acaba de se renovar. Os seus reflexos, no quadro mais vasto, da vida internacional, põem em causa a posição privilegiada das potências anglo-saxónicas nas passagens marítimas de todo o Mundo, desde o Panamá aos Estreitos da Malásia. Essa posição resulta de combinações bilaterais ou de acordos regionais. Vai a iniciativa soviética abrir o caminho a uma revisão do regime actual das passagens marítimas uniformizando-o numa solução única e satisfatória? Ou vai o debate dos Estreitos agravar a tensão entre as grandes potências, tornando irremediável a sua hostilidade latente? E' a volta destas perguntas e do futuro estatuto da Alemanha que se orientarão nos próximos meses as conversações e as negociações de que resultarão a paz ou as perspectivas de uma nova conflagração.

Cumprimentos ao «Diário de Lisboa»

O sr. comendador Serafim Sofia, figura destacada da colónia portuguesa do Brasil, onde tem realizado uma notável obra de beneficência, esteve, esta tarde, na redacção do «Diário de Lisboa», a apresentar cumprimentos, que agradecemos, acompanhado do sr. Ludovino Ramos da Silva, que igualmente desfruta lugar de relevo entre os nossos compatriotas daquele país, e do nosso colega na Imprensa, sr. Frederico Rosa, redactor do jornal carioca «Brasil-Portugal» e antigo chanceler do nosso consulado geral, no Rio de Janeiro.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1417



HORIZONTAIS: 1—Cidade e porto da Finlândia, no Báltico. Deus dos rebanhos (Mitol.). Sinal gráfico. 2—Poetas heroicos. Comoção. 3—Príncipe argiano, que tinha cem olhos, cinquenta dos quais sempre abertos (Mitol.), que ficou sendo o símbolo da vigilância. Da cor do marfim. 4—Gemidos. Metes na mala. 5—Nome de letra grega. Aberta com botões. 6—Nota musical. Parceiro. Olé! Porco. 7—Abranda. Pedunculos. 8—Perfumes. Solteiras. 9—Silvar. Vianda. 10—Rer. Vol. 11—Gaste. Camareira. Membro das aves.

VERTICAIS: 1—Margem. Pronome pessoal. Arquipelago da Malásia holandesa. 2—De pouco preço. Moluscos gastrópodes. 3—Bacanal. Sulfureto metálico, combustível. 4—Preposição e artigo (pl.). Antiga dança francesa. 5—Polvilhos. Verjeira. 6—Campeão. Nome de mulher. Rio da Suíça. Pronome pessoal. 7—Homem que vive na opulência e no fausto. Filtra. 8—Rio da Guiné portuguesa, na foz do qual está a ilha de Bolama. Cáspia. 9—Recruta (pop.). Membro inferior do corpo. 10—Incólume. Meigas. 11—Mentira. Preposição e artigo (pl.). Enal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1416

HORIZONTAIS: 1—Madrigais. 2—Ira. Idem. 3—Nome. Rim. Ages. 4—Anos. Ato. 5—Tais. Unem. In. 6—Carfaxo. 7—Um. Avie. Oram. 8—Rês. Emir. Pd. 9—Odes. Asa. Grau. 10—Euro. Mh. 11—Lastimoso.

VERTICAIS: 1—Minotouro. 2—Aro. Me. de. 3—Dama. Ica. Saul. 4—E's. Save. Sra. 5—Irra. Rima. Os. 6—Inuéis. 7—Al. Mona. Rabi. 8—Ira. Sexo. Pg. 9—Sega. Mor. Armo. 10—Meñ. Ais. 11—Sonambulo.

VIDA DESPORTIVA

ÓQUEI EM PATINS

Um torneio em Sintra a favor
da Misericórdia

Promovido pelo Hockey Clube de Sintra, realiza-se no domingo, pelas 17 horas, um torneio relampago de Óquei em patins, em que tomam parte os quatro clubes da linha de Sintra: Sport Lisboa e Benfica, Clube Futebol Benfica, Académica da Amadora e Hockey de Sintra. Será disputada a «Taça Misericórdia de Sintra» oferta dum amigo do clube organizador.

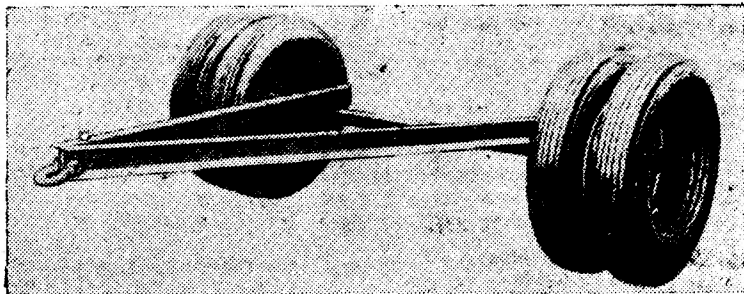
PELOS CLUBES

O aniversário do Nacional de Natação

No domingo, a partir das 15 horas, o Clube Nacional de Natação promove, no seu parque desportivo, em S. Bento, para comemorar, o seu 27.º aniversário, as seguintes provas:

Torneio de natação inter-sócios; exibição de tiro ao arco por uma equipa mista do Atlético de Queluz; exibição de uma classe de ginástica do Ateneu Comercial de Lisboa; demonstrações de esgrima, luta, jogo de pau, etc., por atletas do Ginásio Clube Português; exhibições em mesa alemã e paralelas por praças do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

REBOQUES INDUSTRIAIS



Equipados com 4 pneus novos e camaras d'ar, Firestone, Goodyear, U S Royal, General, Sieferling, etc., nas medidas e preços abaixo indicados, para entrega rápida.

650X15...	12.000\$00
700X15...	12.800\$00
600X16...	11.200\$00
650X16...	12.000\$00
700X16...	12.800\$00
750X16...	14.000\$00

Acertam-se inscrições na UCILA
Av. Duque d'Avila, 26-B — LISBOA

A grave situação criada

pela nota americana à Jugoslávia

(Continuação da 1.ª pag.)

tar ao Conselho de Segurança o seu diferendo com o Governo jugoslavo sobre os ataques a aviões americanos, é uma atitude perfeitamente regular nos termos da Carta.

A decisão não pode considerar-se ultimato, uma vez que esse termo em diplomacia se reserva para os pedidos que, se não forem satisfeitos, serão seguidos de guerra.

A advertência dada ao Governo jugoslavo pelos Estados Unidos e a troca anterior de notas diplomáticas sobre o assunto está de acordo com o artigo 33.º da Carta, que estabelece que antes de apelar para o Conselho de Segurança, as partes devem tentar uma solução «por meios pacíficos à sua escolha».

As discussões perante o Conselho de Segurança, se se tornarem necessárias, não trarão dificuldades, uma vez que o Conselho se considera em sessão permanente e que todos os seus membros devem estar em Nova York neste fim de semana.—(R.).

Se o diferendo for levado para o Conselho da O. N. U.

WASHINGTON, 22.—Nos círculos diplomáticos desta capital pensa-se que o apelo ao Conselho de Segurança das Nações Unidas para uma acção contra a Jugoslávia—se as exigências norte-americanas da nota da noite passada dirigida ao Governo de Belgrado não forem satisfeitas dentro de 48 horas—vai submeter a uma prova suprema o sistema do veto da O. N. U. e pode levar à dissolução do Conselho de Segurança. Se a União Soviética usar do direito de veto para impedir uma acção no caso dos Estados Unidos ou evitar a reunião do Conselho de Segurança, este perderá todo o seu prestígio, mostrando-se incapaz de deparar certas emergências.—(Reuter).

Em Paris, a nota fez o efeito da explosão duma bomba

LONDRES, 22.—Em telegrama de Paris, o correspondente do «News Chronicle» naquela cidade diz que o efeito na Conferência da Paz do ultimato dos Estados Unidos à Jugoslávia deve ser tremendo. A recente troca de notas diplomáticas entre Belgrado, Londres e Washington em nada contribuiu para facilitar o trabalho dos quatro subsecretários dos Negócios Estrangeiros das grandes potências que se ocupam do «Estatuto de Trieste».

O correspondente acrescenta: «No meio desta situação confusa, o ultimato constitui a explosão duma bomba—se não houver uma diligência hábil da delegação soviética—e pode torpedear a Conferência de Paris».

Na sua última edição, o «News Chronicle» publica o seguinte comentário: «Enquanto os delegados das nações estão reunidos em volta de uma mesa da Conferência da Paz, um dos países ali representados apresenta um ultimato de 48 horas a outro país. Será muito raro ter-se registado semelhante precedente paradoxal na história. O Governo dos Estados Unidos pode sentir que sofreu uma grave provocação. Tinha todo o direito de submeter o seu caso às Nações Unidas. Mas, preceder essa diligência de um ultimato a curto prazo é participar nos antigos métodos incluindo estes na nova organização internacional que tem objectivos conciliatórios».—(Reuter).

Comentários ingleses

LONDRES, 22.—Os jornais «Daily Express» e «Daily Mail» consideram a nota americana à Jugoslávia como «a mais violenta que o Governo dos Estados Unidos tem enviado desde o caso de Pearl Harbour». O «Daily Mail» acrescenta: «Embora a América declare que o assunto será submetido à Organização das Nações Unidas, nada há que possa deter a aplicação de sanções económicas ou tomar outras medidas rigorosas que o Governo de Washington considere necessárias».

O «Daily Worker» considera a nota «um grave passo da ofensiva diplomática americana contra a Jugoslávia». A notícia foi recebida muito tar-

de para mais largos comentários da Imprensa.—(Reuter).

LONDRES, 22.—Ocupando-se em artigo de fundo da nota enviada pelo Governo dos Estados Unidos à Jugoslávia, o jornal conservador «Evening News» diz hoje que surgiu uma situação realmente grave na Península balcânica. O articulista escreve: «As causas imediatas da nota podem parecer de pouca importância, mas as provocações e a insolência de Tito são meros sintomas dum embate muito mais grave entre os regimes do Oriente e do Ocidente da Europa. Atrás do frágil Tito ergue-se o maciço Estaline. Reconhecendo isto, os acontecimentos nos turbulentos Balcãs devem ser cautelosamente considerados e é dentro dessa consideração que temos conhecimento do enérgico ultimato enviado à Jugoslávia pelos Estados Unidos. Pelo caminho que os acontecimentos vão agora tomar nos Balcãs podemos depreender qual o futuro político do Mundo por muitos anos próximos».—(R.).

A Pan-American alterou a rota da carreira Viena-Iztambul

LONDRES, 22.—A rádio de Francfort disse que as linhas aéreas da Pan-American alteraram a sua rota regular de Viena-Iztambul, a fim de evitar voar a Jugoslávia.

Não haverá paragens em Budapeste e Belgrado por causa de os privilégios de aterragem terem sido retirados aos aviões comerciais americanos, acrescentou a rádio. O Q. G. americano disse ontem à noite que as carreiras entre Viena e a Alemanha continuavam.—(R.).

A resposta da Turquia

à nota soviética sobre os Dardanelos

ANKARA, 22.—O Governo da Turquia respondeu à nota soviética sobre os Dardanelos com a firme declaração de que não pode aceitar as ideias sugeridas pela Rússia e, principalmente, que só representantes das potências do Mar Negro tomem parte nas novas negociações. O Governo turco rejeita absolutamente a sugestão da Rússia de participar com ela na defesa e na fiscalização dos Estreitos. A Turquia concorda em discutir o problema numa conferência internacional em que participem todos os Estados interessados e os países aliados.

Declara-se aqui que a nota da Turquia fora redigida depois de consultas com os embaixadores da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. A nota afirma no preâmbulo que a Turquia está disposta a aceitar modificações nos estatutos dos Dardanelos e do Bósforo, mas com os representantes de todas as potências signatárias da Convenção de Montreux.—(R.).

Comentários ingleses

LONDRES, 22.—Em artigo de fundo sobre a resposta dos Estados Unidos à nota da Rússia relativa aos Dardanelos, o «Manchester Guardian» diz que a posição da Turquia é melindrosa. O articulista acrescenta: «Se os turcos têm de ser, como a resposta norte-americana sugere, os principais responsáveis pela defesa dos Estreitos, devem desejar conhecer quem é responsável pela defesa da Turquia. Se as grandes potências não chegarem a acordo a esse respeito, a Turquia tem de se inclinar para um dos lados e colocar-se na situação de adversário da outra parte. Assim, o acordo para a fiscalização internacional é de maior interesse para a Turquia do que para qualquer outro país; mas devemos esperar que a Rússia, fortemente enclaustrada nessa zona, observe que os Estreitos não têm importância para o comércio e para a estratégia mundial».—(R.).

BARCO TIPO VOUGA

Vende-se, Praia da Azaruinha (S. João do Estoril). Dirigir-se ao banheiro.

O delegado

do Brasil

toma a defesa da Itália

em Paris

PARIS, 22.—Quando a Conferência da Paz começou esta manhã os seus trabalhos, o representante do Brasil, dr. Neves da Fontoura, pediu um tratamento mais benevolente para a Itália do que aquele que se propõe no projecto do tratado de paz. Foi o primeiro orador a usar da palavra no debate geral sobre as declarações feitas pelos representantes dos seis países que não fazem parte da Conferência.

O dr. Neves da Fontoura declarou: «A amputação de uma parte do território metropolitano da Itália, a transferência de uma parte das suas populações e a perda das colónias seriam suficientes para tornar absolutamente evidente a injustiça nas nossas decisões».

E prosseguiu: «O delegado soviético congratulou-se com a Albânia «em termos afectuosos» porque — disse ele — o Governo da Albânia representa a vontade do povo para avançar no caminho da Democracia».

O dr. Fontoura exclamou: «Não sei porque não será dada a mesma consideração à República Italiana!».

Sir Samuel Rungamadhan, delegado da Índia, apoiou o pedido do Egipto para que a Líbia se torne um país independente e para que as colónias italianas sejam tratadas de acordo com os desejos dos respectivos habitantes.

E acrescentou: «Desejo que se tomem em séria consideração os pedidos tanto do Egipto como da Pérsia durante esta conferência. Pediu ainda que a reclamação do Egipto para os ajustamentos territoriais seja tomada com a mesma cuidadosa consideração com que são recebidas as reclamações das outras potências aliadas ou associadas. (O Egipto pediu ontem que a Itália lhe cedesse o oásis de Gírrabus e o platô de Sollum, ratificando assim as suas fronteiras ao oeste de Bárdia).

Constantin Tsaldaris, representante da Grécia, acusou a Albânia—que pediu o direito de estar representada na Conferência como a primeira vítima europeia do fascismo italiano—de ter cooperado com as tropas italianas e afirmou que a Albânia devia ser tratada como um país antigo inimigo. Tsaldaris declarou: «Havia tantos voluntários albaneses nas fileiras das forças que combatiam contra a Grécia que o recrutamento teve de ser suspenso. O rei Vitor Manuel da Itália foi proclamado rei da Albânia por «uma assembleia nacional albanesa democraticamente eleita», assembleia que também confirmou o estado de guerra com a Grécia.

Respondendo à afirmação do representante da Albânia de que a minoria grega tinha todos os direitos de cidadania, Tsaldaris declarou: «A Grécia denunciou constantemente a tragédia que ocorria nessas regiões. A Cruz Vermelha grega pediu o auxílio da Cruz Vermelha Internacional para enviar uma missão a essas zonas. A Cruz Vermelha Internacional concordou, mas o Governo da Albânia recusou a autorização».

Depois da tradução do longo discurso do primeiro ministro da Grécia, o presidente da Conferência, Ernest Bevin, recordou aos delegados que a discussão se afastava do assunto do debate—o projecto do tratado de paz com a Itália. Bevin declarou:

«Permitimos que esses discursos se alongassem demasiadamente. Penso que chegou o momento de exigir que os oradores sejam mais concisos e se ocupem apenas do caso a discutir».

A's 12 horas interrompeu-se a sessão da manhã depois do delegado da Ucrânia ter falado cerca de 30 minutos. O seu discurso será traduzido quando a sessão reabrir às 15 horas de hoje.—(Reuter).

O adiamento

provável

da Assembleia Geral

da O. N. U.

(Continuação da 1.ª pag.)

dos. Das questões a discutir, 26 casos não obtiveram o acordo necessário dos «Quatro Grandes» quando concluíram os seus trabalhos, e representam pontos de especial melindre e já sujeitos a vivo debate. O número das emendas apresentadas é quase igual ao total combinado dos artigos e anexos—250 contra 256.

As duas comissões para a Itália debruçam-se sobre um programa dos mais pesados, tanto relativamente ao número de artigos que têm de estudar—78 quando são 38, 36, 37 e 34 para a Roménia, a Bulgária, a Hungria e a Finlândia, respectivamente,—como relativamente a casos que despertaram a maior controvérsia. Sem contar com conflitos políticos que possam surgir da discussão das emendas, é evidente que o simples processo de estudar essas emendas e pô-las à votação levará um grande espaço de tempo. Todas estas circunstâncias levam os observadores da Conferência a afirmar que não será de surpreender um adiamento das sessões durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York.

Até agora não há confirmação nos círculos afectos à delegação soviética ou em outros círculos diplomáticos do boato de que o ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Molotov, enviou uma carta ao secretário geral da Organização das Nações Unidas, Trygve Lie, pedindo-lhe o adiamento da Assembleia Geral até Janeiro próximo.

Quando a Conferência se reunir hoje é quase certo que a Grécia responderá ao representante da Albânia e esperará-se que essa réplica seja tão vigorosa de tom como o discurso do primeiro ministro da Albânia, Hodja.

Os acontecimentos diplomáticos no mundo exterior—e principalmente o tom enérgico das notas anglo-americanas ao Governo da Jugoslávia e a resposta dilatória do marechal Tito—continuam a estender a sua sombra sobre os trabalhos da Conferência, embora nenhum indício visível de tensão diplomática tenha abertamente aparecido.

As notas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos à Rússia sobre a revisão do acordo de Montreux para a fiscalização dos Dardanelos, embora estejam fora do âmbito da actual Conferência, constituem o segundo assunto que, juntamente com as notas anglo-americanas ao Governo da Jugoslávia, está destinado a discussões apaixonadas e especulações entre os delegados à Conferência de Paris.

SYLVAIN MANGEOT

O caso da detenção

de soldados britânicos e prisioneiros alemães

pelas autoridades jugoslavas

TRIESTE, 22.—O caso da detenção, durante quatro dias, pelas autoridades jugoslavas, de oito soldados britânicos e sete prisioneiros de guerra alemães na zona de ocupação jugoslava da província de Veneza Giulia, está sujeito a um inquerito. Espera-se uma declaração oficial do comando da 56.ª divisão, que está a realizar o inquerito. Os soldados e os prisioneiros alemães regressaram a Trieste ontem à noite.

Sabe-se de origem autorizada que os soldados britânicos foram bem tratados durante a detenção, sendo-lhes mesmo permitido passear na aldeia onde estiveram detidos. Os prisioneiros alemães receberam um tratamento mais severo, mas regressaram sãos e salvos com os soldados britânicos. Parece que as autoridades jugoslavas detiveram os soldados e os prisioneiros em consequência da dificuldade destes se fazerem compreender quando se procurou verificar a sua identidade.—(R.).